



Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Doutorado em Educação
Área de Concentração: Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica

Tatiana de Amorim Badaró

CORPO E EDUCAÇÃO: marcas corporais como narrativas identitárias no tempo presente

Salvador
Fevereiro de 2019

Tatiana de Amorim Badaró

CORPO E EDUCAÇÃO: marcas corporais como narrativas identitárias no tempo presente

Texto apresentado como requisito final para qualificação do Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília de Paula Silva

Linha de Pesquisa: *Educação e Cultura Corporal*

Grupo de Pesquisa: *HCEL – História da Cultura Corporal, Educação e Lazer*

Salvador
Fevereiro de 2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Badaró, Tatiana de Amorim
CORPO E EDUCAÇÃO: marcas corporais como narrativas
identitárias no tempo presente / Tatiana de Amorim
Badaró. -- Salvador, 2019.
102 f.

Orientadora: Maria Cecília de Paula Silva.
Tese (Doutorado - Doutorado em Educação) --
Universidade Federal da Bahia, Faced, 2019.

1. Corpo. 2. Identidade. 3. Educação. 4. Narrativa.
5. Cultura. I. Silva, Maria Cecília de Paula. II.
Título.

Folha de Aprovação

TATIANA DE AMORIM BADARÓ

**CORPO E EDUCAÇÃO: marcas corporais como narrativas
identitárias no tempo presente**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito de Doutorado em Educação.

Aprovada em 13 de Fevereiro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Dra Maria Cecília de Paula Silva (Orientadora) – UFBA

Dr Miguel Angel Bordas Garcia – UFBA

Dra Regina Sandra Marchesi – UFBA

Dra Dulce Filgueira Almeida – UNB

Dr Emanuel Roque Soares – UFRB

Dr Antônio da Silva Câmara – UFBA

Dra Lilian Quelle Santos de Queiroz – UEFS



Para Yasmin, que seja livre metamorfose de si mesma.

Marcas

Atotô!

Cicatrizes

Rugas

Olhares

Lembranças

Danças

Viver...

Marcas!

Sabedoria do velho senhor

meu pai...

Meu avô!

E de tantas formas te trago em meu

corpo...

Linhas

Desenhos

Cores

Datas!

Dores escondidas pela Fênix

Voa

Queima

Ressoa!

Hoje ressignifica tropeços em...

lições.

Marcas de mim pulsando vivas

Num corpo de dança

Encanta em (re)descoberta

Identidades agora vivas

Despertas!

Hoje, hoje, sempre hoje!

Ontem já não é

Amanhã sempre lá

Mas em novo amanhecer

O hoje sempre há.

Caneta de pena que

(em sangue)

Escreve e pulsa destoante

Ritmo único que ginga

em palhas

(vibra)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, no desenho desta tese, me ajudaram a encontrar cor, mesmo em momentos cinza.

A Cecília, que teve a coragem de redesenhar um percurso que de meio para início vislumbrava completude.

Ao grupo HCEL, que me acolheu acadêmica e afetivamente, tornando possível a realização desta pesquisa, e onde mais do que colegas, encontrei amizades.

Aos professores do PosPsi e do PPGE, que inspiraram, incomodaram e, acima de tudo, provocaram para que esta tese ganhasse contornos autênticos e cheios de marcas identitárias.

A Virgínia Dazzani, que viu brilho na ideia para além do papel e se fez ponte.

À Capes, agência de fomento à pesquisa, que viu valor nesta investigação, auxiliando sua construção.

Às famílias que tenho a sorte de fazer parte e sempre se somam...

...minha família de origem, meu irmão e minha mãe, que sempre estiveram do meu lado, mesmo quando eu havia perdido a fé em mim.

...aos amigos, que vibram e choram comigo, mas sobretudo não me deixam parar de sonhar.

... a Yasmin, que me dá vida desde seu nascimento, e aprendeu a distinguir momentos de tentativa de estudo de momentos de inspiração, e pacientemente espera intervalos deste último para não interromper construções.

Agradeço especialmente aos quadrigêmeos, sujeitos centrais desta pesquisa que abriram sua casa e intimidade para que a investigação refletisse a realidade cotidiana das (re)construções identitárias; e aos artistas que colaboraram para que eu melhor compreendesse nuances dos riscos corporais, contribuindo imensamente para a construção de um dos artigos que compõem a tese.

Não seria possível nomear diretamente todos que fazem parte deste trabalho, contudo agradeço profundamente a cada um que participou, direta ou indiretamente, desta nova marca.

BADARÓ, Tatiana de Amorim. CORPO E EDUCAÇÃO: marcas corporais como narrativas identitárias no tempo presente. 102 f. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo discutir as relações entre o corpo e a construção de identidades através de narrativas educacionais de jovens de Salvador no tempo presente. A fim de cumprir esta tarefa, norteamos a investigação com o seguinte questionamento, **como o corpo significa, constrói e narra os desenhos da identidade de jovens de Salvador em face de sua educação no tempo presente?** Os sujeitos desta pesquisa foram entrevistados por três vezes, num período de 2 anos, em estavam com 17 anos no primeiro e 19 anos no último encontro, além disso, os 4 nos enviaram 17 áudios por *whatsapp*, por demanda individual. Um aspecto particular deste caso é que os quatro sujeitos, além de serem irmãos, são gêmeos. Optando pela pesquisa qualitativa, a metodologia escolhida foi o estudo de casos múltiplos, utilizando a entrevista narrativa como principal ferramenta com o intuito de dar ao sujeito o protagonismo da pesquisa. Durante o percurso metodológico desta tese foi possível verificar que não há na educação referências significativas sobre o estudo da identidade, e, mesmo numa busca mais ampla envolvendo a psicologia e a sociologia, não houve resultados relacionando a (re)construção da identidade com o corpo, assim este trabalho se desafia a adentrar uma seara ainda pouco discutida no ambiente acadêmico, ainda que de grande importância para a educação e a psicologia. Visando potencializar as discussões sobre a temática do corpo e identidade na educação, optamos por redigir este trabalho na metodologia multipaper, com quatro artigos científicos, a fim de mais facilmente divulgar o estudo. Dos resultados encontrados saíram os quatro artigos que compõem esta tese, o primeiro objetiva refletir sobre o silenciamento do corpo-sujeito pela educação, e as marcas que esta prática deixa na identidade. Nesta discussão destacamos o corpo como um aparelho/discurso político, bem como a relação entre o corpo e a educação, tratando principalmente das tensões envolvendo padrões comportamentais e as (re)construções identitárias. No segundo artigo, discutimos o corpo enquanto um acessório de presença e lugar de encenação de si próprio, momento em que damos o protagonismo aos artistas, buscando em suas narrativas um outro olhar sobre as marcas autoimpostas e a busca pela potência identitária. Já o terceiro artigo traz o paradoxo da identidade para a juventude no tempo presente, refletindo sobre esse tempo em que existe uma simultaneidade nas transformações vivenciadas que faz com que não existam diferenças muito marcantes entre ser jovem e ser adulto, aqui faz-se uma análise das narrativas dos quadrigêmeos quanto à sua busca por se definirem. Por fim, trazemos um artigo que destaca as relações entre as marcas corporais e a (re)construção identitária de jovens no tempo presente; este artigo tem por objetivo discutir o corpo enquanto expressão do sujeito no tempo presente. Neste, consideramos que o tatuar-se faz parte de um processo que merece ser investigado mais profundamente por pesquisadores e pensadores da educação, afinal envolve e reflete tanto quanto é envolvido e refletido pelas experiências educacionais dos que decidem por marcar a identidade em seus corpos.

Palavras-Chave: Corpo, Identidade, Educação, Narrativa, Cultura.

BADARÓ, Tatiana de Amorim. CORPO E EDUCAÇÃO: marcas corporais como narrativas identitárias no tempo presente. 102 f. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

ABSTRACT

This research aims to discuss the broad and strong relations among the body and the build of identity through the narratives of four youngsters from Salvador in the present time. For that we seek to understand *how does the body signifies, builds and tells youth drafts of identity facing their education in Salvador nowadays*. This thesis has a qualitative approach, which uses narrative interviews in a case study of unique cases. The subjects of this study were interviewed three times, the first one with 17 and the last with 19 years old. A particular aspect of these subjects is that they are not only siblings, but also quadruplets. Throughout this investigation, it was clear that there are no meaningful references in education on this subject. That said, we could detect a gap in the field, so we seek to motivate discussions on body, identity and education in educational fields. For that matter, we decided to write this PhD work in multipaper format, delivering four academic papers on different points of the subject. From the results of the narrative analysis the papers ideas came from. In the first one, we highlight the relations among body marks and identity (re)construction. Meanwhile, this paper attempts to discuss the tattoo logic in the present time that results on identity marks of an specific group. On the second paper, we discussed the body as an accessory of presence and a venue of playing oneself. For that discussion we put the artists on the main scene, as a way of bringing another look into the investigation about self-inflicted body marks and identity empowerment. On the other hand, the third paper aims to point out the paradox of identity during youth in present time. Thus, we think about this moment of life in which there is a grueling simultaneity in transformations, such as that mixes childhood and adulthood. For that one we brought the quadruplets narratives on their quest for self-discovering. Finally, we bring a paper on the shutting of the body-subject from education, and the multiple marks that this practice stamps on identity. In this we discuss the body as an ideological/political apparel – or speech. Also, bring the body and education relation to focus, especially on the topic of tensions involving behavioral patterns and identity (re)constructions.

Keywords: Body, Identity, Education, Culture, Narrative, Education.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO.....	15
2 CORPOS SILENCIADOS: MARCAS DA MARGINALIZAÇÃO IDENTITÁRIA.....	23
3 SENTIDOS E SIGNIFICADOS NA BUSCA DA POTÊNCIA IDENTITÁRIA: NARRATIVAS DE ARTISTAS.....	35
3 MARCAS DOS CORPOS NO TEMPO PRESENTE: A TATUAGEM COMO DIÁLOGO DE IDENTIDADES.....	53
4 NOVOS CORPOS E A (RE)INVENÇÃO DO SUJEITO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A EDUCAÇÃO NO TEMPO PRESENTE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE QUADRIGÊMEOS EM SALVADOR.....	73
5 CONSIDERAÇÕES PARA O MOMENTO.....	94
REFERÊNCIAS.....	97

APRESENTAÇÃO

“A ideia de mudar o status quo é sempre penosa”.

Chimamanda Ngozi

Numa aula do curso de Terapia Sistêmica para Casal e Família que frequentei entre 2016 e 2017, Aceli Magalhães, pesquisadora do feminismo, falava sobre como foi construída socialmente uma crença de que o bom relacionamento com o corpo é inerente ao distanciamento da classe burguesa, talvez mais uma das artimanhas para marginalizar negros escravizados e tudo que lhes pertencia, tudo que construía sua identidade cultural.

Esta crença leva a um comportamento elitizado do corpo robótico, movimentos perfeitamente calculados e pouca intimidade entre a pessoa e seu corpo. Nesta crença, nesta lógica social, organiza-se um sistema educacional de corpos banidos, mas ao mesmo tempo onipresente, não há, senão no e pelo corpo. Esse paradoxo sociocultural sempre me inquietou, me trouxe dúvidas e questionamentos num nível íntimo e esmagador, mas nunca vislumbrei o tornar objeto de pesquisa. Para mim nunca houve identidade sem o corpo, mas o corpo sempre esteve banido dos meus círculos acadêmicos. Até ele, como uma entidade de vida própria, se fazer presente.

Nos entrelaces do doutorado em Educação, durante as primeiras entrevistas da pesquisa em questão, o posicionamento do corpo frente aos desenhos identitários tomaram, através dos relatos, uma força que me compelia a trazer a discussão para o plano central do trabalho. Contudo, devido à dificuldade de encontrar referências que abordassem o corpo junto ao problema da identidade, vi-me diante de um dilema, precisaria trocar de grupo de pesquisa para seguir adiante com o que passou a ser o meu caminho óbvio.

Maturana e Varela (2004) afirmam que “tudo que é dito, é dito por alguém”, assim sendo de qual lugar nós falamos? O que nos dá voz?

Toda afirmação é um manifesto ético, estético e político. Ético, porquanto revela o posicionamento de quem fala e o torna responsável por seu discurso; estético, pois há forma, conteúdo e vínculos específicos que criam um discurso, e estes não são acidentais; por fim, todo discurso é também político, afinal almeja um lugar na teia das relações contemporâneas (NAJMANOVICH, 2001). Sobre isso, Firme (2013), analisa que

não há uma produção e/ou captação total do mundo a ser retratado, mas há a geração de um mundo, possibilitado por aquilo que está em organização, bem como a geração de um domínio externo a ele (p.2).

Pensando neste manifesto optei pela mudança, e passei a frequentar um grupo de pesquisas em Educação, não mais em Psicologia como antes acontecia. Entretanto, quando penso em retrospecto, percebo que o corpo sempre foi negligenciado na formação acadêmica da área de educação, ao menos naqueles ambientes aos quais frequentei.

Fui cursar a Licenciatura Plena em Pedagogia pelos motivos errados. Após 4 semestres numa instituição particular bem conceituada resolvi largar o curso e estudar para um novo vestibular, buscava mudar de área. 4 meses depois voltei ao curso de Pedagogia numa nova instituição; 3 meses depois desisti, somente para voltar no semestre seguinte. Cursei mais disciplinas por semestre e me formei junto à minha turma.

Passei por 2 instituições como aluna de graduação, 2 como aluna de pós-graduação lato sensu, 2 instituições norte-americanas como aluna de cursos de extensão em educação, 1 instituição privada no curso de mestrado; e mais algumas tantas IES privadas da Bahia como docente de graduação e pós-graduação, tendo sido em uma delas coordenadora do meu curso de formação. Estudei de Jean Piaget a Paulo Freire, de Anísio Teixeira a Howard Gardner; ensinei de Sternberg a Celso Antunes, de Tânia Zittoun a Baruch de Spinoza; nesta jornada, as únicas vezes em que o corpo esteve relacionado à educação foi nos estudos da psicomotricidade, sempre voltados à educação infantil e ao corpo-máquina. Excetuando-se esses poucos – e específicos – casos, a educação e o corpo não tinham interlocução, como se subitamente, ao sair da primeira infância, nosso corpo deixasse de existir.

A marginalização do corpo sempre me incomodou, e se mostrava tão frequente nas colocações sociais quanto nas observações preconceituosas da imposição de padrões de comportamento **do e para o corpo**.

“Pintou o cabelo de vermelho, daqui a pouco está usando drogas”.

“Fecha as pernas, senta como mulher”.

“Coloca uma roupa decente, se protege”.

Exemplos de colocações sobre o corpo, exemplos de colocações sobre o lugar do corpo na educação. O corpo deve ser domesticado, docilizado, como brilhantemente colocou Foucault. Me pergunto por quê? A quem serve a docilização do corpo?

Para Le Breton (2009), a existência no homem é tão frágil quanto segura; segura, pois se adapta com relativa tranquilidade, é capaz de resistir; e frágil, porquanto além de estar mudando sua condição constantemente, a vida cotidiana é altamente volátil e incerta.

Foi justamente esta condição de mudança constante que me encantou nos estudos da identidade, e, como num espelho, me vi nesta área, pois parecia ser necessário compreender esta dança para melhor entender a minha história. Fui apresentada a este campo numa disciplina que cursei como aluna especial no doutorado de Psicologia da UFBA, a disciplina falava das fronteiras (borders) culturais e expandiu o meu olhar para a educação, a partir deste momento defini o tema geral da minha pesquisa.

Minha ruptura pessoal se deu aos tropeços, primeiro ao ser mãe adolescente, um corpo estranho no meio social que ocupava. Depois, ao entrar na graduação em um curso com o qual pouco me identificava e ao qual pouco conseguia dar sentido, mesmo reconhecendo sua relevância, profundidade, e inegável valor essencial. Por fim, uma última ruptura com meu “eu” infantil: a entrada no mundo do trabalho.

A minha relação com o corpo sempre foi turbulenta, devido a ocorrências violentas durante a minha infância e juventude, pensá-lo era doloroso, ao mesmo tempo via meu corpo narrar a minha história, então decidi eu mesma acrescentar o meu capítulo com uma tatuagem. A todo momento via meu interesse acadêmico fazer questionamentos sobre o corpo, especialmente ao pensar a juventude e os conflitos vivenciados nessa fase.

Zittoun (2007) define a juventude como uma transição, uma construção cultural possuindo características histórico-sociais específicas. Segundo a autora, este é o período no qual o indivíduo perde a autorização de manejar seus conflitos a partir do brincar e entra no campo da responsabilidade simbólica, “a obrigação social de responsabilizar-se pelas suas escolhas de consumo e expressão pessoal” (Zittoun, 2007), quando tem responsabilidade sobre o seu próprio destino. O jovem precisa se confrontar e se equilibrar com as expectativas que lhe são impostas socialmente.

A psicologia cultural tem como um de seus propulsores de discussão a questão da cultura como integrante de processos psicológicos eminentemente humanos, questão que será ponto crucial desta discussão, não somente a partir desta base teórica, mas também de autores vindos de outras áreas, tais como Bauman, Hall, Giddens e Le Breton, entre outros.

Durante meu percurso e meu longo, e tumultuado, namoro com a pedagogia, sempre me senti incomodada pela ausência do corpo nas suas discussões. Meu corpo desde tenra idade reflete minha realidade, e, para mim, é inconcebível que seja diferente com alguém. A postura, os adornos, roupas, marcas voluntárias e/ou involuntárias; o corpo fala, grita, anuncia publicamente a história de nossas vidas. Ainda assim, eu não o via como temática acadêmica.

No mestrado profissional em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social, enquanto cursava disciplina como aluna especial no doutorado de psicologia, como dito anteriormente, surgiu a preocupação com o processo de construções identitárias, mais especificamente entre os jovens na transição da adolescência para a idade adulta, uma fase de conflitos crescentes e indissociáveis do cotidiano.

A partir dessa atividade de pesquisa, verificou-se que as teorias implícitas¹ que dão suporte à práxis pedagógica do professor, compõem questão central na produção de significados pedagógicos, trazendo à tona questionamentos e dúvidas sobre sua condução, inclusive no que se refere a um possível determinismo cultural como fator decisivo nos conflitos de fim da adolescência, principalmente naqueles relacionados à escolha profissional.

Existe no inconsciente coletivo uma escala de prestígio profissional que hierarquiza as profissões, tornando-as adequadas ou inadequadas, alcançáveis ou inalcançáveis, convenientes ou inconvenientes dentro dos padrões socioculturais e econômicos – que se misturam numa relação de retroalimentação parasitária – de cada jovem.

Diz Bauman,

para a mente sensata, a atual ascensão espetacular dos fundamentalismos não guarda mistério. Está longe de ser intrigante ou inesperada. Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeitam ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro. Consciente ou subconscientemente, os homens e as mulheres de nossa época são assombrados pelo espectro da exclusão. Sabem – como Hauke Brunkhorst nos lembra de maneira pungente – que milhões já foram excluídos, e que ‘para os que caem fora do sistema funcional, seja na Índia, seja no Brasil ou na África, ou mesmo como ocorre atualmente em muitos distritos de Nova York ou Paris, todos os outros logo se tornam inacessíveis. Sua voz não é mais ouvida, com frequência ficam literalmente mudos. E assim têm medo de serem abandonados, sem acesso a um coração afetuoso ou uma mão amiga, e sentem muita

¹ Segundo Sternberg (1985), as teorias implícitas referem-se às concepções não científicas que as pessoas têm sobre um assunto.

falta do calor, conforto e segurança do convívio (BAUMAN, 2005, p.53).

Por não querer calar a minha voz, a decisão de falar sobre o corpo culminou na mudança de orientador e grupo de pesquisa no doutorado em questão. Talvez devido ao grande dualismo que permeia a visão do corpo ao longo da história da humanidade, ao mesmo tempo em que crescia o desejo e a virtual necessidade de falar sobre o corpo na discussão sobre identidade, crescia proporcionalmente o medo de tratar de um assunto ainda visto com alguma suspeita nos meios acadêmicos, especialmente quando não tratado sob a ótica médica, ainda dominante em todas as discussões. Pensando sobre a minha juventude, decidi seguir, apesar do receio. Faria valer a fênix e me reinventaria, agora na academia. Após este percurso inicial, e diante de todas as questões surgidas nesta caminhada acabamos por definir o tema da pesquisa como CORPO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS DE SALVADOR NO TEMPO PRESENTE.

1 INTRODUÇÃO

“O corpo é um manifesto” (LE BRETON, 2004, p. 76)

Início este diálogo com a afirmação de Le Breton, pois nada me pareceu mais pertinente do que sua taxativa colocação. O corpo manifesta-se mesmo ao se esconder, não pode ser calado, por mais que a sociedade lhe tente privar de sua voz, ainda que as imposições e padrões lhe tentem moldar, e silenciar, o corpo fala; o corpo é um manifesto, e o que ele grita é tudo que somos.

Deste mesmo modo, o objeto de uma pesquisa não precede sua investigação, ele é moldado no seu percurso (DEMO, 1995), na trajetória entre decidir investigar academicamente e formatar um objeto de pesquisa bem definido existe uma intrincada relação entre o sujeito que busca conhecer determinado fenômeno e o objeto em si. Esta trajetória está longe de ser linear, se mistura a todos os âmbitos da vida do pesquisador, resultando num sem número de olhares, questionamentos e perspectivas.

De modo já relatado, a definição do tema desta tese sofreu metamorfoses e evoluções subsequentes até ser considerado minimamente satisfatório. Não foi um insight metafísico, tampouco um *gap* teórico que definiram o caminho a ser seguido, mas o próprio caminho percorrido, juntamente com as experiências paralelas em outros âmbitos da vida, que indicaram a temática a ser discutida. E como discuti-la. Os traços e contornos dessa pesquisa ainda buscam ganhar nitidez, negociando aqui e ali, numa seleção de lugares de fala do corpo, de um recorte de um universo em constante investigação.

O corpo serviu como discurso disparador para a narrativa, dando as caras já nos primeiros passos ainda insípidos desta experiência. A tatuagem de uma fênix, que carregou em grande parte de minhas costas, foi o impulso que levou a entrevista de um relato calculado e com uma tentativa de imparcialidade para ser natural e íntimo. Um dos quadrigêmeos a citou ao falar de suas próprias tatuagens, numa analogia que me permitisse entender o sentimento que queria narrar; assim seguiu-se a conversa por mais 2h que terminou ao redor de uma mesa de sushis. O questionamento que me fiz ouvindo a entrevista no dia seguinte, e continuo a me fazer ao redigir este trabalho quase 3 anos depois, é: ***que corpo é este? De qual corpo estamos falando quando tratamos sobre corpo?***

Utilizo as palavras de Firme (2013) para indicar a decisão de trazer o corpo para o primeiro plano deste trabalho.

“Já que o corpo é o lugar da veiculação de sentidos, bem como de amostras de intervenção e invenção das histórias e técnicas sociais, ele será o nosso texto a ser interpretado” (p.7). Assim, é necessário apontar, que o objeto aqui tratado é construído processualmente, e certamente não será finalizado após a entrega desta tese, visto que, no desenrolar da trama narrada, encontros e desencontros, vão dando à discussão seus contornos mais nítidos, em busca de alcançar uma configuração satisfatória, mas nunca conclusiva.

No processo de constituição de si mesmo pelo jovem a partir da sua experiência educacional, os significados atribuídos aos padrões de comportamento (como colocar-se no mundo) constituem um sistema de crenças que conduzem às suas construções identitárias. Uma das questões que me inquietam neste quesito refere-se às expectativas que a sociedade – pais, professores, comunidade etc. – cria e impõe aos jovens, principalmente no final da escolarização básica, quando estes vislumbram a vida profissional e adulta; as profecias do “será/fará” e do “não será/fará” impõem fronteiras psíquicas sobre o futuro deste que ainda não teve oportunidade de refletir sobre seu próprio destino.

De modo complementar a esta visão, Le Breton (2007), pontua que o modo de saborear o mundo é também uma aquisição das percepções sensoriais dos outros, sendo fruto, portanto, dos processos de suscetibilidade e condicionamento social. Assim, percepções de cores, gostos, sons, grau de afinamento do toque, limite da dor, entre outros; a percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção no sistema cultural.

Após debruçar-me sobre este assunto, ficou claro que no processo de descobrimento de si, de significação de si mesmo, o jovem precisa romper com o ideário que lhe foi imposto e/ou, em muitos casos, acaba por romper com seus próprios sonhos e anseios.

Deste modo, pode-se afirmar que a transição inerente ao fim da adolescência caracteriza-se como um momento de grandes tensões, marcado pelas escolhas e rompimentos que vão desde as brincadeiras da infância à obediência à orientação parental, rompendo, quase que completamente, com o seu “eu” infantil (ZITTOUN,

2007), aqui outro grande ponto desta pesquisa se delinea, *como o jovem percebe e dá sentido a estas tensões? E como se dá o processo de coping²?*

Sobre a complexidade da questão da cultura, Bauman evidencia que

a proclamação da era multicultural é [...] ao mesmo tempo uma declaração de intenções: uma recusa a fazer um julgamento e assumir uma posição; uma declaração de indiferença, de eximir-se em relação a pequenas quarelas com referência a estilos de vida ou valores preferidos. Ela revela o caráter “culturalmente onívoro” da elite global: vamos tratar o mundo como uma gigantesca loja de departamentos com prateleiras cheias das mais variadas ofertas, e vamos ficar livres para vagar de um andar para o outro, experimentando e testando cada artigo à mostra, escolhendo-os segundo nossa vontade”. (BAUMAN, 2005, p.103)

Nesta discussão Valsiner (2012) indica a importância do signo cultural na constituição do indivíduo, enquanto Bauman (2009), ao abordar a questão das demandas educacionais do tempo atual, exorta que os desafios contemporâneos da educação conferem uma ofensa “à verdadeira essência da ideia de pedagogia” (BAUMAN, 2009, p.1), porquanto a própria sociedade e, conseqüentemente a cultura, se redefiniu, remodelando demandas pedagógicas e a própria constituição do pedagógico. O autor afirma que o que antes era verdade incontestável na educação – ou sobre ela na sociedade – hoje é infâmia. Assim, indica que a educação precisa ser repensada.

Vale, então, considerar que para Vygotsky (2008), o conjunto de maturações e uma determinada função psíquica humana imersas em determinado espaço sociohistórico não é o real propulsor do desenvolvimento, mas os significados que guiam suas ações.

Ainda de acordo com esse autor, a ação dialógica é tida como imprescindível para o desenvolvimento de sua relação com a aprendizagem, em outras palavras, a constituição do sujeito parte de suas expectativas, signos culturais e significações do que lhe é ofertado, inclusive pela educação, possibilitando-o reinventar-se a partir de experiências de vida que confrontam o mundo externo com o interno.

Consideramos que este movimento das identidades pode ser caracterizado como rupturas internas, provocadas pelo processo educacional. Dialogando com esta ideia, Kullasepp e Moreno (2015) abordam a transição como um processo socialmente guiado do “se tornar”, ser sendo é um estado transicional que se constitui como um estado permanente, tendo processos distintos que o engatilham. A transição é, enfim,

² Coping é um termo da psicologia utilizado para definir o conjunto de mecanismos, cognitivos e comportamentais, utilizados pelo sujeito para lidar com demandas específicas.

um fenômeno que leva à emergência da mudança, contudo não à mudança em si (KULLASEPP e MORENO, 2015).

As construções identitárias se configuram em um processo inerentemente cultural, pois são ao mesmo tempo aprendidas e construídas. E neste sentido, a educação formal representa uma etapa importante neste processo, sendo necessário salientar que as competências curriculares são apenas um dos aspectos desenvolvidos nela, ainda que não-intencionalmente, conforme indicam Kullasepp e Moreno (2015). Este é somente um dos aspectos da socialização através do processo educacional.

Longe de pensar a educação sob o ponto de vista romântico, sob uma perspectiva salvacionista, constata-se que ela envolve múltiplas dimensões e vem experimentando movimentos de reorganização de sua estrutura e mesmo de sua função, como demonstrado a partir de Bauman (2005). Se, por um lado, esses processos de mudança correspondem às necessidades expressas pelo avanço das pesquisas sobre educação e identidade, por outro, constituem focos de tensões, instabilidade, desigualdades educativas, práticas clínicas e terapêuticas. Consequentemente, acabam por imprimir outro formato às próprias relações de abordagem, que agora precisam ser adaptadas e/ou recriadas a cada novo cenário.

Durante o percurso metodológico desta pesquisa foi possível verificar que não há na educação referências significativas sobre o estudo da identidade, e, mesmo numa busca mais ampla envolvendo a psicologia e a sociologia, não houve resultados relacionando a (re)construção da identidade com o corpo, assim este trabalho é um desafio que busca responder a uma questão, se não inédita, muito pouco discutida no ambiente acadêmico, ainda que de grande importância para a educação e a psicologia. Deste modo, esta tese concentra-se na investigação sobre **como o corpo significa, constrói e narra os desenhos da identidade em face da educação no tempo presente?**

Para buscar compreender este problema, e buscando a visibilidade necessária à divulgação do conhecimento científico de modo que as pesquisas encontrem espaço entre a comunidade a que se destina. Optamos por seguir uma tendência das ciências médicas e tecnológicas, construindo esta tese na modalidade *multipaper*, caracterizando-se como uma coletânea de artigos, todos já encaminhados para revistas científicas qualificadas, a fim de mais prontamente dar retorno à comunidade quanto à pesquisa elaborada nos quatro anos de doutorado.

O primeiro artigo que se segue traz ideias advindas de estudos prévios em psicanálise indicando a relevância do corpo para o estudo da subjetividade humana. Segundo esta escola de pensamento, o inconsciente fala através do corpo, para tratar sobre este assunto, o artigo intitulado *CORPOS SILENCIADOS: MARCAS DA MARGINALIZAÇÃO IDENTITÁRIA* tem por objetivo refletir sobre o silenciamento do corpo-sujeito pela educação e as marcas que esta prática deixa na identidade.

Neste destacamos o corpo como um aparelho/discurso político, bem como a relação entre o corpo e a educação, tratando principalmente das tensões envolvendo padrões comportamentais e as (re)construções identitárias. Em sua abordagem, refletimos sobre as questões relativas ao corpo, sobretudo ao silenciamento deste quando educado de maneira diferente do padrão dominante e estabelecido, por fim trazemos uma discussão sobre a educação para o corpo livre.

O artigo seguinte trata da percepção dos artistas sobre o processo de potência identitária com a tatuagem, intitulado *SENTIDOS E SIGNIFICADOS NA BUSCA DA POTÊNCIA IDENTITÁRIA: NARRATIVAS DE ARTISTAS*, discute extensivamente o corpo enquanto um acessório de presença e lugar de encenação de si próprio, seguindo o pensamento de Le Breton (2004). O corpo é um fenômeno subjacente a um esquema simbólico que, portanto, não se constitui unicamente de sua carga biológica,

ele se molda, se expõe, sente e se expressa, porque participa de uma trama de sentidos e técnicas provisórios, ambos valorizados em temporalidade mais ou menos definida. Por assim dizer, o corpo se estrutura e é estruturado a fim de atender expectativas e rituais sociais que extrapolam o sujeito e sua própria organização biológica". (FIRME, 2013, p.6)

Assim que a tatuagem entra na discussão, como um ritual de passagem relatado pelos sujeitos da pesquisa que se alinha perfeitamente à ideia que compartilho com Le Breton de que a marca corporal autoimposta é uma maneira simbólica de tomar posse de si (LE BRETON, 2004).

O terceiro artigo, *MARCAS DOS CORPOS NO TEMPO PRESENTE: A TATUAGEM COMO DIÁLOGO DE IDENTIDADES*, tem por objetivo discutir o corpo enquanto expressão do sujeito no tempo presente. Para tanto, sinalizamos uma lógica muito presente entre os jovens que são as marcas corporais riscadas em seus corpos, e que se constituem como traços de identidade. Uma pesquisa nas principais bases de trabalhos acadêmicos revelou que, apesar de haver muitos estudos sobre tatuagem já realizados, no âmbito educacional este é um tema escassamente

discutido. Como metodologia utiliza uma abordagem qualitativa, com entrevista narrativa, num estudo de caso de perspectiva idiográfica. Os sujeitos desta pesquisa foram entrevistados por três vezes, num período de 2 anos, em estavam com 17 anos no primeiro e 19 anos no último encontro. Um aspecto particular deste caso é que os quatro sujeitos, além de serem irmãos, são gêmeos.

Neste ínterim, trabalhamos as questões relativas ao corpo, à lógica da tatuagem no tempo presente, e que culminam em questões identitárias de determinado grupo. Dos resultados encontrados destacamos que na tatuagem está a tentativa de marcar para si e para o mundo de modo permanente o seu espaço e identidade. Os sujeitos desta pesquisa refletem o modo como os tatuados buscam estabelecer para si pontos centrais de sua educação, pontos que consideram tão relevantes que querem fazer notar ao olhar. Deste modo, consideramos que o tatuar-se faz parte de um processo que merece ser investigado mais profundamente por pesquisadores e pensadores da educação, afinal envolve e reflete tanto quanto é envolvido e refletido pelas experiências educacionais dos que decidem por marcar a identidade em seus corpos.

No artigo final, intitulado *NOVOS CORPOS E A (RE)INVENÇÃO DO SUJEITO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A EDUCAÇÃO NO TEMPO PRESENTE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE QUADRIGÊMEOS EM SALVADOR*, discutimos o paradoxo da identidade para a juventude no tempo presente, tempo em que existe uma simultaneidade nas transformações vivenciadas que faz com que não existam diferenças muito marcantes entre ser jovem e ser adulto, ao mesmo tempo em que ser algo implica invariavelmente em não ser outro algo, aqui, faço uma interlocução, principalmente com Bauman e teóricos da psicologia cultural, com o intuito de melhor elucidar minha perspectiva sobre o assunto, afinal, assim como a própria identidade, sua discussão teórico-filosófica sempre estará inacabada.

Concluindo, trazemos algumas considerações que caracterizam o fim das pesquisas de doutorado, mas não das investigações, reflexões e indagações sobre esta temática que me acompanha desde sempre, rabisco a rabisco, ruga a ruga, dando corpo ao corpo.

Cabe considerar que esta pesquisa respeita as questões éticas indicadas para pesquisas com seres humanos, tendo sido, portanto, preservados os procedimentos éticos indicados para pesquisas deste tipo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como um estudo de casos múltiplos e de abordagem narrativa. A utilização de uma metodologia de cunho

qualitativo é reconhecida entre a comunidade acadêmica devido à importância de considerar a relação dinâmica entre o cotidiano e o sujeito, a interdependência viva entre os sujeitos e os objetos, e a vinculação indissociável que há entre o mundo objetivo e a subjetividade.

A investigação do fenômeno considera o relato das experiências dos participantes através de entrevista narrativa, buscando observar a indicação de Creswell (2007) sobre buscar ouvir os participantes e construir um entendimento baseado nas ideias transmitidas por eles sobre o fenômeno estudado, compreendendo a cultura individual do participante.

As reinvenções da identidade a partir das narrativas do corpo, é um fenômeno de caráter dinâmico, complexo e contínuo, devendo ser estudado através de metodologias capazes de acessar essas características.

Participaram do estudo, inicialmente, quadrigêmeos, naturais de Salvador, pelo período de 3 anos, dos seus 17 aos 19 anos. Os jovens foram selecionados após demonstrarem interesse em participar da pesquisa. Ao longo da pesquisa observou-se a necessidade de incluir artistas no estudo, a fim de melhor compreender o fenômeno investigado, tendo sido sua seleção conforme o mesmo critério já esclarecido.

Este tipo de metodologia justifica-se pela compreensão de um ser humano que sente, pensa e age no tempo e em múltiplas esferas da experiência (ZITTOUN et al., 2003). Em relação a esse tipo de abordagem, Elsa de Mattos (2013) afirma que:

o conhecimento novo pode emergir somente através de casos únicos que ainda não foram anteriormente encontrados. Este aspecto da ciência enfatiza o aspecto desenvolvimental de todos os fenômenos e torna a perspectiva desenvimental central para toda a disciplina. (p.77 *apud* Valsiner, 2009a, p.12)

Num primeiro momento, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico que tornou-se suporte teórico para a compreensão do fenômeno investigado. Em seguida, parti para a escolha dos participantes e para a coleta de dados. Essa etapa utilizou como instrumento principal a entrevista narrativa.

Já no primeiro encontro com os sujeitos da pesquisa, a partir da questão disparadora “me falem sobre a construção da identidade de vocês”, o corpo assumiu

o protagonismo das narrativas, trazendo consigo as tatuagens como seu principal coadjuvante.

2 CORPOS SILENCIADOS: MARCAS DA MARGINALIZAÇÃO IDENTITÁRIA

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o silenciamento do corpo-sujeito pela educação e as marcas que esta prática deixa na identidade. Para tanto, destacamos o corpo como um aparelho/discurso político, bem como a relação entre o corpo e a educação, tratando principalmente das tensões envolvendo padrões comportamentais e as (re)construções identitárias. Uma pesquisa nas principais bases de trabalhos acadêmicos revelou que, apesar de haver estudos sobre o corpo na educação, a maioria destes se refere a duas categorias, a primeira sendo o corpo biológico, e a segunda aos estudos sobre psicomotricidade, especialmente na educação infantil. Como metodologia, utiliza uma abordagem qualitativa com análise dos dados obtidos na pesquisa bibliográfica. Os trabalhos selecionados foram localizados após a utilização de duas buscas com marcadores associados, a primeira identificando os trabalhos que trouxessem a temática da educação e corpo, e a segunda trazendo corpo e identidade. Esta técnica foi necessária, porquanto a busca dos três marcadores entre as pesquisas científicas na área de educação não retornou resultados. Neste ínterim, trabalhamos as questões relativas ao corpo, ao silenciamento deste quando numa educação diferente do padrão dominante e estabelecido, culminando na discussão sobre a educação para o corpo livre.

INTRODUÇÃO

Dentre a diversidade de reflexões que permeia a escrita deste artigo figura uma que foi disparada por uma experiência pessoal. Aos 9 anos senti a necessidade de ter mais controle e autoridade sobre meu corpo, nessa ordem; assim procurei o boxe e me mantive treinando e – em grande parte – competindo durante 22 anos. A minha ideia de intimidade com o que sou, meu corpo, resumia-se em luta. A potência advinda do boxe não se estende, por exemplo, a uma roda de samba, terreno no qual me sinto completamente exposta e insegura. Aprendi a andar com salto agulha de 15 centímetros e a dar *jabs* certos, mas o samba, a dança popular, não, pois aprendi que existe um padrão de comportamento e relação com o corpo que é adequado e o resto é inadequado, eu já transgredia o suficiente sendo boxeadora, então a dança que me foi permitida foi o ballet – e eu detestava!

Quem dita essas regras?

O padrão de corpo e movimento deste (ou neste?) reflete a estética cultural da classe dominante e a priviligia em detrimento de todas as demais alternativas; compreendemos que isto nada mais é do que uma escolha ideológica, uma maneira nada sutil – e amplamente discutida pelos pesquisadores da sociologia como Paulo Freire e Foucault – de manter a ordem socialmente estabelecida. Até mesmo para

vislumbrar a possibilidade de conseguir espaço no grupo com maior status é preciso aprender os seus costumes, é preciso ser mais um deles e menos um dos “outros”.

O corpo, assim como a educação, é um aparelho político, ele movimenta a mente, ele é a mente, assim, para onde caminha o corpo, caminha a sociedade. Por este motivo decidimos explorar a temática com este artigo, para tanto, buscamos nas principais bases de dados científicas³ trabalhos que tratem da questão do corpo na educação. A partir dos resultados selecionamos aqueles que mais se aproximavam do nosso interesse, a saber, aqueles que trouxessem os marcadores *corpo*, *identidade* e *educação*. Entretanto, não obtivemos resultado com esta especificidade, portanto, refizemos as buscas em duas etapas, uma com os marcadores corpo e educação, e outra com os marcadores identidade e educação.

Consideramos que esta temática, ainda pouco explorada na pesquisa em educação, deve ser trabalhada e aprofundada, porquanto como Foucault ressalta em diversas de suas obras, o corpo carrega em si marcas de gênero e geração, de ambiente e subjetividade, deste modo, compreender o contexto de uma época é compreender seu corpo, pensar o indivíduo é pensar o corpo, portanto, pensar a educação também é pensar o corpo. Assim, desenvolvemos um artigo qualitativo de cunho reflexivo-discursivo utilizando a pesquisa bibliográfica como fonte de dados.

Nesta discussão trazemos a relação entre o corpo e a educação, tratando principalmente das tensões envolvendo padrões comportamentais e as (re)construções identitárias, com o objetivo primordial de refletir sobre o silenciamento do corpo-sujeito pela educação e as marcas que esta prática deixa na identidade. A fim de realizar esta tarefa baseamo-nos principalmente nas ideias Bordieu sobre corpo e educação, trazendo neste marcador as contribuições de Brandão; como inspiração definidora, incluímos neste diálogo as construções de Foucault no que se refere ao corpo-sujeito e à educação-modulação.

Bordieu (1998) destaca a relevância de se buscar compreender as raízes constitutivas dos hábitos/padrões; para este autor, as concepções de uma era precisam ser estudadas para que possamos perceber quais os seus fundamentos e refletir sobre sua existência. Corroborando com esta perspectiva, Piovezani (2009) disserta que é necessário

[...] tentar apreender uma transformação fundamental do olhar contemporâneo sobre o corpo, considerando a extração da diferença corporal do conjunto daqueles que eram antes concebidos como

³ A saber, Scielo, Pepsic e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

exceções monstruosas e sua inclusão no universo dos corpos comuns. Compreender essa metamorfose do olhar é essencial para aqueles que buscam conhecer as formas de constituição da individualidade moderna e contemporânea pelo viés da relação entre corpo e identidade. Para tanto, a história dos “monstros” – conforme a designação da tradição até a contemporaneidade – incide sobre a exposição dos corpos e sobre o olhar que os espreita. (p. 40-41)

Em consonância com esta ideia buscamos refletir sobre as imposições de padrões, bem como qual o papel da educação para o rompimento deste ciclo, considerando sobretudo os processos educativos para além do ambiente escolar, aqueles que se dão no dia a dia da vida, na prática cotidiana da cultura.

CORPO LEGÍTIMO X CORPO ILEGÍTIMO: QUEM DITA AS REGRAS?

Os estudos sobre o corpo iniciaram com a anatomia, tendo as pesquisas sido realizadas principalmente em corpos de criminosos, porquanto a igreja recriminava a prática, considerando-a como difamação do sagrado (RUPP, 1993), portanto, para que a investigação fosse permitida era necessário ter acesso ao corpo de um indivíduo considerado impuro aos olhos da igreja. Isto acontecia porque, sob o domínio social do pensamento e moral cristã, o corpo é objeto da divindade só devendo ser tocado para fins igualmente divinos, assim como porque a ideia de prazer, comumente associada ao corpo, é associada ao pecado, intensificando o caráter mítico e proibitivo do corpo.

Ainda atrelado ao início dos estudos está o caráter biologizado e *biologizante* das discussões sobre a temática ao longo das histórias de diversos povos, sobretudo ocidentais, tendo reflexos ainda na atualidade, tanto no imaginário popular do corpo como algo a ser guardado, escondido e mantido “asséptico/higienizado”, como deste como máquina que serve à vida humana, sendo negada a ele a condição de indissociação do ser vivente. Esta concepção médica soma-se à egrégora de mistério e tabus envolvendo a corporalidade – herança do domínio católico –, permeando o desenvolvimento histórico dos estudos envolvendo o corpo e acompanha, também, a constituição da dinâmica educacional.

A busca do canônico, herança do domínio católico sobre a sociedade, representa um ponto a ser transposto pela sociedade a fim de diminuir o distanciamento entre a educação e o corpo, tanto nos aspectos teóricos quanto práticos. Visto que a tentativa da sacralidade corporal sob a égide da cristianização vislumbra a ideia do corpo-

pecado, na qual qualquer intimidade ou pensamento sobre o mesmo é uma ofensa à pureza divina e remonta ao pecado original.

O discurso e as estruturas estavam comprometidos com o poder, enquanto o corpo estava do lado das categorias oprimidas e marginalizadas da sociedade: as minorias de raça, classe ou gênero pensavam ter somente seu corpo para se oporem ao discurso do poder e à linguagem, como instrumento de silenciamento do corpo. (COURTINE *apud* PIOVEZANI, p.36, 2009)

Enquanto a classe dominante investia na cultura erudita e formação de “reis filósofos”, dentre os quais a mente era dissociada do corpo, sendo este último visto como animalesco, primitivo e pouco valorizado. Assim, a dicotomia mente e corpo adicionava credibilidade às categorias do poder, sendo associada ao desenvolvimento intelectual (RUPP, 1993; PIOVEZANI, 2009).

Talvez por essa razão é que o sistema de educação formal busque invisibilizar e silenciar o corpo, contudo corpo e mente são indissociáveis, eles são um só, assim, ao calar o corpo se cala a mente. Mantêm-se, portanto, os padrões pré-estabelecidos, sem incômodos. Trata-se, por conseguinte, da construção do *habitus*⁴.

[...] a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente. [...] Como história individual e grupal sedimentada no corpo, estrutura social tornada estrutura mental, o *habitus* pode ser pensado em analogia com a “gramática generativa” de Noam Chomsky, que permite aos falantes proficientes de uma dada língua produzir impensadamente atos de discurso corretos de acordo com regras partilhadas de um modo inventivo mas, não obstante, previsível. (WACQUANT, 2007, p.66)

Mas o que é o corpo legítimo? Pensar em uma única forma de viver o corpo é limitar as inúmeras possibilidades de educações e identidades às quais o indivíduo é exposto ao longo de sua vida. Mais do que isso,

se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, p.13 *apud* OLIVEIRA et al, 2006, p.131-132).

⁴ Termo utilizado vastamente por Pierre Bourdieu e que se refere à construção dos padrões de comportamento, ou, parafraseando o autor, de tornar interno a cultura externa e externa a cultura interna. Para mais esclarecimentos buscar na bibliografia de Pierre Bourdieu e/ou Loïc Wacquant.

Sendo assim, é preciso ampliar o olhar sobre o corpo, entendendo-o como parte integrante da complexidade humana, e não somente uma máquina/ferramenta que carrega a mente. Pensar o corpo é também pensar o constante movimento de busca e (re)construções identitárias, é pensar a própria constituição da subjetividade humana.

O corpo é, portanto, um campo privilegiado para a investigação e compreensão da cultura. Bordieu (1992) explicita que o campo sociológico se pauta num ponto de vista do qual se pode captar posições produtoras de visões, obras e tomadas de posição, às quais correspondem classes de agentes providos de propriedades distintivas, portadores de um *habitus*, também socialmente constituído (MICELLI, 2003). Este *habitus*, mantendo a denominação de Bordieu, indica o caráter social da construção de sentidos e significados, destacando a importância da cultura para a formação dos padrões de correto e incorreto, adequado e inadequado, legítimo e ilegítimo.

É importante salientar que as referências e legitimações são limitadas pelas fronteiras culturais, tendo desenhos específicos em cada contexto, tempo e grupo sociocultural.

Culturas diferentes mapeiam o desenvolvimento de seus membros de diferentes maneiras. Os sujeitos, ao narrarem sua própria história de vida, usam marcadores que identificam pontos de viragem em suas trajetórias de vida, os quais podem ser mais ou menos precisos, indicam normalmente momentos de tensão, contradição ou crise, e, além disso, evidenciam diferentes modos de viver em relação àquilo que é oferecido como possibilidade no mundo cultural: temas, recursos, procedimentos, argumentos, modelos, normas, valores, etc. Os marcadores são idiossincráticos, mas, ao mesmo tempo, dialogam com os pontos de viragem culturalmente estabelecidos e com os significados compartilhados sobre a passagem pelos distintos ciclos da vida. (OLIVEIRA; et al, 2006, p.121)

A trajetória de vida de um sujeito é contada também, e principalmente, no seu corpo, nele se encontram as marcas das tensões, das vitórias, do crescimento, seja numa ruga ou cicatriz, no piercing ou na maquiagem, ou ainda de maneira sutil através da postura, da entonação da fala ou do andar, o corpo fala e relata sua história. Constata-se, então, que o corpo não é somente um instrumento do sujeito, ele é o próprio indivíduo e, como tal, traz em si as expectativas e marcas do grupo social que o cerca.

Para Foucault o corpo é um “locus de poder”, o que varia de cultura para cultura é a configuração deste, mas não o fato em si. Logo, ele está sujeito a constantes

coerções e domínios, assim como às mais diversas experiências de resistência e combate. Assim, não é possível limitá-lo às fronteiras biológicas (FERREIRA; MAGALHÃES, 2006). O corpo é um combatente, ele traz na sua constituição toda carga subjetiva e sociocultural a que o indivíduo foi exposto, dando significados e sentidos diversos àquilo que vivenciou, criando, desta forma, um ser único que é num só tempo produto e produtor do que o cerca e constrói.

Sobre as construções de sentido e significado, ou ainda no que tange à (re)construção identitária no tempo presente, vale ressaltar o papel crucial da mídia. Ainda que somente citando este ponto *an passant*, não podemos deixar de explicitar que os meios de comunicação, em especial as redes sociais exercem grande influência no desenvolvimento dos corpos, porquanto a sociedade se espelha e é espelhada neste grande palco a que todos olham e aplaudem. Sobre isso trazemos a reflexão de Brandão para nos auxiliar.

É mais fácil ser persuadido por um belo e sonoro engodo do que escavar em busca de uma verdade nunca evidente, sobretudo em uma sociedade dominada por meios de comunicação sempre prontos a decorar o falseamento da realidade com as vestes de que se reveste a aparência de feliz ou inevitável normalidade da vida cotidiana e da história humana. (BRANDÃO, 2009, p.8)

Ainda Brandão (2009) indica que a cultura é transmitida prioritariamente pela comunicação, o autor ressalta que cultura e educação se confundem.

A EDUCAÇÃO PARA O CORPO LIVRE

Vão passando, senhoras e senhores!

Vão passando!
 Entrem na escola do mundo ao avesso!
 Que se alce a lanterna mágica!
 Imagem e som! A ilusão da vida!
 Em prol do comum estamos oferecendo!
 Para ilustração do público presente
 e bom exemplo das gerações vindouras!
 Venham ver o rio que cospe fogo!
 O Senhor Sol iluminando a noite!
 A Senhora Lua em pleno dia!
 As Senhoritas Estrelas expulsas do céu!
 O bufão sentado no trono do rei!
 O bafo de Lúcifer toldando o universo!
 Os mortos passeando com um espelho na mão!
 Bruxos! Saltimbancos!
 Dragões e vampiros!
 A varinha mágica que transforma
 um menino numa moeda!

O mundo perdido num jogo de dados!
Não confundir com grosseiras imitações!
Deus bendiga quem vir!
Deus perdoe quem não!
Pessoas sensíveis e menores, abster-se.
(GALEANO, p. 4, 1999)

O texto de Galeano nos inspira a pensar a sociedade, trazendo uma reflexão sobre as construções culturais carregadas de ilusões para criar necessidades desnecessárias e poderes impostos. Pensando sobre este dilema é que sugerimos que a educação como formação humana – e não instrumentalização –, é não somente possível, mas necessária. Longe de desvalorizar o papel da instrumentalização, pensamos ser imprescindível o equilíbrio entre esta e a humanização como meio de gerar e manter uma harmonia social, tão carente nos tempos atuais onde os números de violência e intolerância crescem exponencialmente.

Muitos professores ignoram a alteridade de seus alunos, estigmatizando sua identidade e seu direito à diferença, infelizmente a educação brasileira ainda vivencia um silenciamento pedagógico em seu cotidiano, alimentando a ilusão de uma sociedade igualitária, camuflando as evidências em que os privilegiados e os marginalizados continuam ocupando os mesmos espaços. (DAMASCENA; MIRANDA; SILVA, p.10, 2018)

François Dubet (1996; 1998) discorre sobre o papel central da experiência na ordenação dos contextos socioculturais. Segundo o autor, o modo de produção dos sujeitos indica que a desinstitucionalização da sociedade vem acontecendo a passos largos. Em tempos passados o panorama encontrado era de formação de valores e padrões a partir das ideias de instituições centrais, tal qual a Igreja. Atualmente, vivenciamos uma necessária “crise progressiva” do comportamento institucionalizado. À medida que a constituição social se altera é necessário repensar conceitos, aprimorá-los para o que melhor se adequa à liberdade identitária do ser. A identidade pessoal, então, aparece antes do papel a ser representado, o Eu antecede o grupo, ainda que numa relação simbiótica e retroalimentada.

É na idade moderna que a educação pode se fundamentar e planejar suas práticas educativas com o propósito da realização humana em nome de uma racionalidade libertadora, fazendo-nos concluir que as práticas pedagógicas tiveram e tem uma importância essencial na fabricação ativa dos sujeitos que estavam e estão inseridos nos aparatos pedagógicos de subjetivação, que se tornaram dispositivos visuais de esquadramento e poder. [...]o desenvolvimento das práticas pedagógicas é um exemplo claro da produtividade e da positividade do poder quando em suas técnicas, procura aprimorar, adestrar e controlar o corpo do aluno. (JARDIM, 2006, p.104)

A educação enquanto cultura, enquanto vida social, encerra em si um saber pedagógico diverso da formalidade, porém igualmente importante para a vida prática. Esta modalidade figura no plano de fundo, como coadjuvante da formalidade estabelecida que controla os discursos da “verdade”, nos quais perpetuam-se privilégios e dissemina-se o conformismo. O meio formal é também onde circula o saber e o status que oferece ascensão ao poder, sendo portanto o meio comunicado como ideal, almejado por todos e de acesso de poucos, é exclusivo e exclusivista, mantendo-se a partir de uma lógica de vigilância, hierarquia, disciplina e controle (JARDIM, 2006).

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações! E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos algumas coisas a dizer sobre a educação que nos invade a vida, por que não começar a pensar sobre ela com o que alguns índios certa vez escreveram? (BRANDÃO, 1981 *apud* BRANDÃO, 2017, p. 379)

Felizmente a educação é espaço vivo, é inclusive as relações sociais, é, portanto, um campo aberto e se dá nos mais diferentes espaços, relacionar-se é ser educado e educar. Assim como Foucault descreve a necessidade de reinventar o sujeito desejável nos séculos XVIII e XIX (JARDIM, 2006), ainda hoje as práticas disciplinadoras e punitivas que vêem o corpo como força produtiva são empregadas tanto por escolas quanto por famílias. Contudo, hoje vivemos, conforme indica Jardim (2006), a “idade do corpo”, na qual o colocamos na centralidade das super-exposições características de nossa era.

O cenário das sociedades tribais, para Brandão (2009), é obviamente diferente de uma sociedade complexa como a nossa. Seja como for, o autor destaca uma característica marcante em nosso modo de vida que é a desigualdade. Existimos dentro de um mundo social onde senhores do poder, por meio do Estado, decidem e definem para os “outros” (para nós) o que querem que seja a relação entre eles e os “outros” (nós). Vivemos em uma sociedade onde um Estado de democracia restrita não é o lugar coletivo do poder consensual de criar direitos, de criar por consenso as normas da vida coletiva, mas apenas é o lugar de obedecer a eles.

A educação contudo, deve funcionar como espaço de visibilidade, de experimentação de posições do eu, em suma a educação que nos importa nesta discussão, a que leva ao corpo livre, é a que promove as constantes (re)construções

identitárias. A tensão máxima dos jovens atuais e, portanto, o grande desafio da educação, expressa-se no fato “de os sujeitos terem de ordenar, por si mesmos, o sentido e o valor de seu itinerário pessoal, antes hipotecados aos lugares e papéis ofertados pelas diferentes instituições sociais clássicas. Daí a noção de ‘experiência individual’ como reguladora dos processos de subjetivação na contemporaneidade” (OLIVEIRA et al, 2006, p.133).

É preciso educar para respeitar o outro e a si mesmo, Brandão (2009) destaca que aprender é um ato coletivo, afinal aprendemos *com os outros* e não simplesmente somos ensinados por um ser detentor do saber. Aprender é ato vivo e vivencial, o que pode ser explicado a partir do ponto de vista do autor supracitado ao indicar que existem diversas educações, e é importante compreender que falar de educação significa falar de um processo dialético em que o ensinar e o aprender acontecem de maneira multilateral e concomitante.

Ainda na perspectiva de Brandão (2017), a racionalidade instrumental é apenas uma pequena parte da educação e representa uma prática pedagógica incompleta. Assim, lança mão da genialidade de Paulo Freire (*apud* Brandão, 2017, p.22) ao observar que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção".

Ao contrário da lentidão rotineira e da armadura sistêmica e burocratizante em que se move o comboio pesado e confuso da educação escolar seriada, cuja principal característica é existir como uma complexa instituição hierárquica e, portanto, centralizada, os três exemplos de trabalho pedagógico para/com/das classes populares que vimos até aqui, pelo menos em seus momentos pioneiros de existência, tomaram a forma e a dinâmica de movimentos. (BRANDÃO, 2009, p. 21)

A existência da educação é tão inerente ao ser quanto ele próprio, afinal não é possível existir sem cultura, e, como dito, cultura é educação e educação é cultura, cabe repetir. Pensar a educação como instrumentação de força produtora é apoucá-la demasiadamente, porquanto seria reduzi-la à mera transferência de conhecimentos quando, em verdade, o ser humano é produtor de saberes. Brandão (2009) aponta que educar é o gesto de formar pessoas “na inteireza do seu ser”, é desenvolvê-las para construírem a si e compartilhar tal construção e resultado – inacabado – com os outros; o ser é, para este autor, livre construtor de seu próprio mundo social. Isto posto, reitera que a educação está mais relacionada à criação de conectividades do que com a construção de habilidades, e a instrumentalização é apenas sua base mais rudimentar, a educação é a responsável pela criação dos sentidos e significados.

Em primeiro lugar, é necessário realizar a complexa desmontagem do senso comum quando se pensa a própria sociedade. Em segundo lugar, é preciso desvelar e denunciar uma ilusória – mas quase sempre bastante convincente – aparência de coerência entre a realidade da vida e a verdade dos fatos, que constitui, em todos os seus planos, a ideia de que “o que está aí” é normal, desejável, ainda que transitoriamente imperfeito, necessário e inevitável. Essa suposta coerência oficial que torna aceitável a barbárie cotidiana, fundamenta o discurso do poder da ordem, ou da ordem do poder estabelecido sobre princípios de desigualdade, restrição da liberdade, exclusão social, discriminação de pessoas e de grupos humanos e inculcamento de saberes e valores entre culturas. (BRANDÃO, 2009, p.8)

Os processos de subjetivação e construção da identidade, sinônimos do processo educacional, se dão na medida em que experiências pessoais encontram espaço e sentido num contexto grupal/cultural, a partir de então sendo disponibilizadas num contexto discursivo. Assim,

as transformações mais relevantes para a constituição do desenvolvimento tipicamente humano não estão na biologia do indivíduo, mas na psicologia do sujeito. Transformações muito mais referidas, portanto, às circunstâncias histórico-culturais e às peculiaridades das experiências de cada sujeito. (OLIVEIRA et al, 2006, p.135)

Novamente servindo-nos dos escritos de Brandão (2017), apontamos que o sujeito precisa ser visto como protagonista da história e criador da cultura, ao mesmo tempo em que é influenciado por ela, afinal enquanto esta compreensão não for interiorizada nos meandros educacionais não será possível reconhecer o processo dialético concomitantemente individual e genérico da humanização. Voltando às tensões já mencionadas, este mesmo autor (2009) sugere que necessidade e liberdade criam espaço para que a cultura/educação aconteça, e é neste espaço que se faz a história humana, “a própria trajetória de humanização” (2009, p.56)

Mas ela [a cultura] tem hoje um valor muito grande mesmo ou principalmente nos movimentos populares. Se o que está em jogo não são apenas as faces “materiais” dos direitos humanos, mas todas as dimensões dos direitos à identidade, à realização da vida individual e coletiva segundo padrões próprios e ritmos peculiares de existência, então a maneira como tudo isto se combina e transforma é uma questão interna a cada grupo cultural, em cada tipo de experiência comunitária ou de movimentos sociais. (BRANDÃO, 2009, p. 79)

Assim, conclui-se que educação envolve mais do que o aprendizado de uma cultura, ela também é a criação, recriação e transformação desta. Brandão (2009) afirma que devemos ser “criadores de espíritos”. Trata-se de criarmos condições para estarmos pondo fraternalmente à prova a nossa própria capacidade de criar e de ousar “fertilizando o inusitado” (op. cit.). Assim podemos contribuir para a reflexão de

práticas pedagógicas de saúde que promovam valores como: partilha, emancipação e autonomia.

Expressões como “formação para a cidadania” e “prática educativa progressista” parecem querer atualizar palavras antigas extremamente sonoras e sugestivas, como “conscientização” e “pedagogia do oprimido”. (BRANDÃO, 2009)

Diante do que foi exposto concluímos que desenvolvimento, educação e transformação são sinônimos perfeitos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: MICELI, Sérgio. (org). **A economia das trocas simbólicas**. (5a ed.). São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura: memória dos anos sessenta. In: **Horizontes Antropológicos**. Ano 23, n.49. Porto Alegre, set/dez 2017.
- BRANDÃO, Carlos R.; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009
- DAMASCENA, Quécia Silva; MIRANDA, Eduardo; Silva, Maria Cecília de Paula. IDENTIDADE NEGRA E SILENCIAMENTO: O OLHAR PEDAGÓGICO PARA A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03. In: **Revista Teias**. v.19, n53. s/l, abr/jun, 2018.
- DUBET, François. A formação dos indivíduos; a desinstitucionalização. In: **Revista Contemporaneidade e Educação**. Ano 3, v. 3, 1998.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- FERREIRA, Vanessa Alves; MAGALHÃES, Rosana. In: **Ciências & Saúde Coletiva**. vol. 11, n.2. s/l: 2006.
- GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: A ESCOLA DO MUNDO AO AVESSO**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.
- JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a educação: o investimento político do corpo. In: **Unimontes Científica**. v.8, n2. Montes Claros: jul/dez, 2006.
- MICELLI, Sergio. BORDIEU E A RENOVAÇÃO DA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA DA CULTURA. In: **Tempo Social**. São Paulo: USP, abr 2003.
- OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina; AQUINO, Julio Grappa. DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO E CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES: CICLOS DE VIDA, NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E TENSÕES DA

CONTEMPORANEIDADE. In: **Pro-Posições**. vol. 17, n.50. s/l: mai/ago 2006.
Disponível em
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643631>
Acesso em 10 jan 2019.

PIOVEZANI, Carlos. FOUCAULT COM COURTINE: CORPO E DISCURSO. In:
GOMES, Daniel de Oliveira; Souza, Pedro de. (Orgs) **Foucault com outros nomes:**
lugares de enunciação. Ponta Grossa: UEPG, 2009.

RUPP, Jan. MICHEL FOUCAULT, A POLÍTICA DO CORPO E A EXPANSÃO DA
ANATOMIA MODERNA. In: **Physis – Revista de saúde coletiva**. vol.3, n.2. 1993.
Disponível em
https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physis/v3n2/01.pdf Acesso em 10 jan 2019.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o Habitus. In: **Educação & Linguagem**. Ano 10, n.
16, jul/dez 2007.

3 SENTIDOS E SIGNIFICADOS NA BUSCA DA POTÊNCIA IDENTITÁRIA: NARRATIVAS DE ARTISTAS

RESUMO

Este artigo se propõe a investigar a percepção do artista sobre os sentidos e significados da tatuagem para os sujeitos que a buscam, intencionando compreender se este ritual leva, ou ainda se é impulsionado, por uma potência de raiz identitária. A fim de alcançar esse objetivo entrevistamos 8 tatuadores de 4 estados brasileiros, utilizando de um roteiro de entrevista semiestruturada. Os artistas entrevistados estão em momentos diversos de sua experiência no ofício, assim como suas idades também variam, numa abrangência de 24 a 52 anos. Em termos de fundamentação teórica, realizamos uma busca nas mais conhecidas bases de dados acadêmicas, sem restrição de datas, mas não encontramos nenhum resultado *linkando* a tatuagem à educação, tampouco as marcas corporais (de modo mais abrangente) à educação. Assim, trouxemos como marcos teóricos fundamentais as pesquisas de David Le Breton e Jerome Bruner. Trata-se de um artigo advindo de pesquisa qualitativa tendo como delineamento escolhido o estudo de casos únicos. Nossa metodologia envolveu, além da pesquisa bibliográfica com os marcadores sentido, significado, marcas corporais, tatuagem e identidade, para dar suporte à discussão e à compreensão do fenômeno estudado; a análise de dados obtidos nas entrevistas foi realizada com base em categorias temáticas organizadas a partir das narrativas. Esclarecemos que a escolha dos participantes ocorreu através da disponibilidade e facilidade de acesso, encerrando-se num total de 8 tatuadores, sendo 3 de Salvador/Ba, 3 de Florianópolis/SC, 1 de São Paulo/SP e 1 de Porto Alegre/RS. Vale considerar que em todas as etapas da pesquisa foram respeitadas as questões éticas indicadas para pesquisas com seres humanos.

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro registro histórico da existência de tatuagens, datada de mais de 3500 anos atrás, essa arte vem ganhando novas roupagens, se firmando como um discurso que comunica a identidade de si para o mundo. Seja quando adquirida de maneira imposta, tal qual as tatuagens de numerações de prisioneiros do nazismo em campos de concentração, ou quando escolhidas autonomamente após um longo processo de maturação da ideia, a tatuagem revela esteticamente uma história do corpo que a carrega.

Um importante ator neste ritual é o artista, o tatuador, que torna possível a marca corporal idealizada. Assim, este artigo é motivado pela intenção de investigar a percepção do artista sobre os sentidos e significados da tatuagem para os sujeitos

que a buscam, intencionando compreender se este ritual leva, ou ainda se é impulsionado, por uma recém descoberta, ou busca, de potência⁵ de si, de identidade.

Para tornar possível esta investigação entrevistamos 8 tatuadores de 4 estados brasileiros, utilizando de um roteiro de entrevista semiestruturada. Os artistas entrevistados estão em momentos diversos de sua experiência no ofício, assim como suas idades também variam, numa abrangência entre 24 a 52 anos.

O corpo é um fenômeno que transcende as barreiras da biologia, e deve ser entendido como mais do que um acontecimento natural, mas principalmente, um fenômeno histórico, cultural e social; ele é uma potência comunicativa, podendo ser compreendido como a mídia mais completa que existe (Leitão, 2004). Leitão (2004) aponta que muitos dos comportamentos corporais tidos como naturais são, na realidade, alicerçados na cultura, afirmação esta passível de verificação nas diferenças no uso do corpo de uma sociedade para outra. A cultura, portanto, tem papel central nas questões ligadas ao corpo, sendo a cultura corporal uma educação em si mesma (Mauss, 2003). Deste modo, as marcas que o sujeito carrega em si, os adereços que leva, bem como a maneira de se colocar, caracterizam um rico discurso a ser investigado na área da educação, mais especificamente para discutir a temática da identidade.

Este assunto, embora muito significativo e amplamente discutido na sociologia, antropologia, artes e, mais recentemente na psicologia, não figura entre as pesquisas educacionais. Foi realizada uma busca nas mais conhecidas bases de dados acadêmicas⁶ sem restrição de datas, mas não encontramos nenhum resultado *linkando* a tatuagem à educação, tampouco as marcas corporais (de modo mais abrangente) à educação.

Contudo, sobre a relação da educação com as marcas corporais, Brandão (1981) esclarece que o percurso de vida e o percurso educacional se confundem, pois não há lugar, nem tempo, específicos para a educação ocorrer, ela é um fenômeno constante imerso em símbolos e seus sentidos e significados. Transitando essas educações ininterruptas a que o sujeito vivencia, está a (re)construção identitária, esta também constante e ininterrupta, e carregada de tensões.

⁵ A ideia de *potência* adotada neste artigo, bem como em toda construção da tese de doutoramento a que se refere, é aquela desenvolvida por Spinoza ao longo de sua obra, sobretudo na *Ética* (nossa obra de referência é a tradução de Tomaz Tadeu, da editora Autêntica [2007]).

⁶ A saber, Scielo, Pepsic e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Assim, pensando sobre o lugar do corpo nesta construção, Le Breton (2004) esclarece que desde a Renascença o corpo é uma fronteira. Ele limita e demarca o espaço de um e de outro, separando-os tanto uns dos outros, quanto da natureza – o homem já não é o cosmos, mas vive dentro dele – e de si mesmo – o dualismo citado anteriormente. Deste modo, o corpo na atualidade é marcado pela separação.

Com o intuito de esclarecer e caracterizar o corpo sobre o qual nos debruçamos nesta discussão, destaca-se as ideias de Le Breton (2004, 2007, 2011), nas quais o corpo é definido como uma instância moldada na relação com a cultura e seus signos, símbolos e significados. Neste sistema, o corpo é produto e produtor da cultura, mas é, prioritariamente, lugar de mediação entre si e o mundo.

Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa tendo como delineamento escolhido o estudo de casos únicos, para que um aprofundamento no tratamento dos dados fosse possível. Num primeiro momento foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os marcadores sentido, significado, marcas corporais, tatuagem e identidade, para dar suporte à discussão e à compreensão do fenômeno estudado. Em seguida, ocorreu a escolha dos participantes através da disponibilidade e facilidade de acesso. 8 tatuadores, sendo 3 de Salvador/Ba, 3 de Florianópolis/SC, 1 de São Paulo/SP e 1 de Porto Alegre/RS se disponibilizaram a participar. Vale considerar que em todas as etapas da pesquisa foram respeitadas as questões éticas indicadas para pesquisas com seres humanos.

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa foi realizada com base em categorias temáticas organizadas a partir das narrativas. A presente discussão explora a categoria *tatuagem*, assim, o objetivo desta é analisar o ritual de modificação corporal através da tatuagem no tempo presente como um diálogo de si para si e de si para o mundo, configurando uma ferramenta da potência, expressão da mesma, e que age como método de reinvenção da identidade do tatuado, e revela, como um reflexo, nuances de sua educação.

SENTIDO E SIGNIFICADO NA (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DO CORPO

Diferentes são as percepções teóricas sobre o *significado*, assim, indica-se que o presente trabalho se apoia na perspectiva de Jerome Bruner. Este autor afirma que significar é dar sentido, é nesse processo que se torna observável o *fazer sentido*

através dos sistemas simbólicos, do qual o principal veículo é a construção de narrativas que se baseiam tanto em aspectos cognitivos quanto culturais. Deste modo, o estudo deste processo é essencial para todas as áreas que buscam explicar a experiência humana (Bruner, 1986), em especial a identidade, esta que é constituída essencialmente pelos sentidos e significados que o sujeito constrói em/com suas experiências.

Bruner, portanto, propõe uma psicologia com orientação cultural, interessada no caráter situacional da ação. Jaan Valsiner (2007) nos explicita o valor epistemológico da afirmação de Bruner.

Quando olhamos para os dados como construções semióticas (baseadas em alguma forma de acesso à realidade do fenômeno), podemos imediatamente identificar que cada nova operação no processo de construção e análise (ou reconstrução) dos dados está ligada à construção de novos significados (p. 77).

Ainda para Valsiner, os significados orientam os atos dos indivíduos, contudo estes podem variar de indivíduo para indivíduo, principalmente devido à sua realidade cultural (Valsiner, 2012), porquanto, o si-mesmo nasce das interações sociais e os seres humanos produzem significado nos contextos sociais onde estão inseridos (Bruner, 2001).

Valsiner considera que o sistema de mediação semiótica é visto como um sistema regulatório de significados. Cada signo que está em uso durante a *janela de tempo* infinitamente pequena que nós chamamos de *presente* é um dispositivo de mediação semiótica que se estende do passado para o *futuro possível* (Valsiner, 2012).

Assim, é possível compreender que significar e ressignificar é a própria caracterização da mente humana, é esta espiral de significação que constitui um indivíduo e orienta suas condutas (Bruner, 1997); sem essa constante não haveria linguagem e sem a linguagem não haveria cultura (op. cit., 2001).

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (Bruner, 1997, p.43)

Durante as entrevistas os artistas trouxeram posicionamentos que ajudam a pensar sobre a ressignificação de signos e sua relevância para a (re)construção identitária, neste ponto destaca-se a fala de *E* a seguir.

Eu acho que tem uma coisa que é bastante importante de ressaltar e que eu falo pra todos os meus clientes quando eles me perguntam sobre o significado de uma determinada imagem, de um desenho. É... eu não estudo o significado de um desenho porque **eu percebi que um mesmo desenho tem significados diferentes, isso varia da cultura, do local, da época, e da pessoa**. Então essa questão de significados a pessoa deve se preocupar com o significado pessoal. Mas o significado geral de um desenho, eu desaconselho a pessoa a se tatuar por causa disso. (grifo nosso)

Bauman (2001; 1997) discute a individualidade no tempo atual como uma marca paradoxal, ao mesmo tempo em que o indivíduo se conecta a centenas de pessoas através de redes virtuais, está imerso numa solidão profunda. O corpo, portanto, na sociedade discutida por Bauman, é um corpo individualizado que busca pertencimento comunitário. O senso de comunidade, no Brasil, ainda existe com maior força do que na Europa de Bauman, entretanto a sociedade brasileira assume, aceleradamente, nuances da sociedade europeia e norte-americana também em seu modo de viver a comunidade.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (Le Breton, 2007, p. 7).

Neste contexto, o corpo pode ser percebido como uma tela a ser preenchida, superfície maleável aguardando modificações diversas, de caráter natural ou artificial, imposto ou autoimposto, acidental ou proposital, isto é, o corpo está, desde o momento de seu nascimento, sendo marcado constantemente (Le Breton, 1999). Aqui discutimos a tatuagem voluntária como escamoteação do corpo a fim de modificá-lo numa direção correspondente às vontades individuais. Ilustramos este ponto com a fala de *C* declarando observar “que a maioria dos meus clientes, buscam tatuagens para representar sua conexão, com a família, com a sua religião e com seu estilo de vida”.

A tatuagem no ocidente esteve vinculada à marginalidade econômica e social até meados do século XX, quando começa a ser utilizada por membros de gangues e movimentos contraculturais como os hippies e punks na intenção de

autoidentificarem-se e serem identificados como pertencentes àquele grupo. A partir deste momento a tatuagem já não representa uma exclusão econômica, ou mesmo uma exclusão social imposta, mas uma marca ética e política, um posicionamento contrário à normatização social, caracterizado por uma personalidade desviante (Leitão, 2004).

As pesquisas de Le Breton (2002), Leitão (2004) e Firme (2013) apontam que com a popularização da tatuagem no final do século XX e início do século XXI esta prática deixa de ser estigma de transgressão e se torna mais aceita socialmente e visível para o grande público, entretanto, esta aceitação passa por filtros com relação aos locais e desenhos permitidos ou não. Esta mudança inaugura um novo momento da cultura da tatuagem, bem como marca a geração de jovens do tempo presente.

A artista *B* reforça a percepção destes autores em um trecho da sua entrevista, quando afirma que “com a tatuagem tomando um rumo cada vez mais artístico, atualmente percebo que há mais aceitação dos não tatuados”, importante esclarecer que o estranhamento, apesar de ainda existir, fica restrito às modificações mais radicais, como tatuagens no rosto, pescoço e mãos, bem como corpos com percentual de modificação maior do que o de não-modificação.

Neste mesmo período, as modificações corporais estéticas através de cirurgias plásticas cresceram (Le Breton, 2002), isto demonstra uma modificação da cultura corporal seguindo as tendências da cultura hegemônica de culto ao corpo. Este fluxo demonstra que a tatuagem já não pode ser definida *a priori* como uma prática de transgressão ou posicionamento contrário à sociedade. A fala de *C*, a seguir, ilustra a mudança do olhar social sobre a tatuagem.

Como tatuado, observei a mudança em 11 anos que se passaram desde que fiz a minha primeira tatuagem. E hoje em dia, me sinto feliz pela descriminalização da arte e também pela expansão do mercado.

Esta percepção é enriquecida pela fala de *B* indicando que “a tatuagem hoje é [encarada] como uma cirurgia plástica”, sendo complementada com a explicação de *E* sobre as categorias de significado da tatuagem para os clientes.

A motivação, normalmente, ela é [sic] duas. Uma, pra... hum... pra imprimir uma lembrança, pra fazer uma homenagem pra alguém. É a tatuagem que eu te falei que tem um significado pessoal... e a outra, é... a que tem um significado estético somente. Tem esses dois, a gente pode classificar destas duas formas. A estética muita gente procura também como caso de esconder estria, manchas na pele, é... e cicatrizes também, essas é [sic] bastante procuradas também.

Com esta resignificação na cultura da tatuagem, surge um novo nicho no mercado, indicado por um dos entrevistados ao dizer que o negócio de repigmentação e cobertura de tatuagens é uma prática recente, assim como o surgimento de hidratantes corporais e protetores solares específicos para tatuagens e tatuados.

Todo contexto ou campo cultural tem seus controles e suas expectativas, bem como seu “imaginário”; isto é, suas promessas de prazer e realização (Valsiner, 2001;2012), na cultura da tatuagem um grande imaginário refere-se à reinvenção do sujeito (Le Breton, 2004). Dos 8 tatuadores entrevistados, 5 relataram que uma parcela significativa de seus clientes expressa (em fases diversas do processo) a intenção de, com a tatuagem, marcar no corpo de maneira visível aos olhos dos outros a sua individualidade e/ou de diferenciar-se em meio à sociedade, vejamos o trecho transcrito da entrevista de *B* sobre este assunto:

as tatuagens costumam marcar algo importante de quem é a pessoa, da personalidade dela, por isso eu acho que esses desenhos de signo são tão recorrentes. O cliente quer marcar na pele quem ele é. Muitos deles [clientes] falam da intenção de tornar visível quem ele é, como marcar na pele a alma. [O cliente busca] simbolizar algo ou algum acontecimento marcante, é sempre um novo ciclo.

A partir desta fala pode-se verificar ainda que a tatuagem é experimentada por parte significativa de seus adeptos como uma maneira de fabricar a potência. Hoje, sua escolha recorrentemente está desligada dos sistemas culturais, dependendo de uma iniciativa pessoal e acompanhada de uma história que lhe dá significado forte, íntimo e pessoal, mesmo quando feita em grupo, o significado pessoal difere entre os indivíduos do grupo que a escolheu (Le Breton, 2004).

Percebe-se que para artistas e clientes a marca corporal tem a capacidade de tornar externa a individualidade e a subjetividade do sujeito, ela carrega em si um ideal de valorização do self, do si mesmo. Constructo que dialoga intimamente com a noção de potência discutida por Spinoza, pois “quem tem potência (potentiam ou vim) para se conservar não precisa de nenhuma causa para existir, não apenas para existir ‘de existência possível’, mas ‘de existência necessária’”, conforme esclarecido por Gilles Deleuze (2017).

Os 8 artistas participantes desta pesquisa trabalham somente com desenhos personalizados, não fazem cópias, a não ser em caso de realismo quando tatuam fotos de pessoas a serem homenageadas, assim há a preservação da unicidade e exclusividade que são buscadas por seus clientes, amplificando a sensação de se tornar único, como destacou *A* na fala abaixo.

Tive um cliente que, ao conferir o resultado do trabalho, de frente para o espelho, disse “agora sim é **meu** corpo”. Esse tipo de reação me deixa satisfeito, entende? Porque vejo que de alguma maneira ajudei aquele cara a se sentir melhor com ele mesmo. [um cliente] Estava passando por uma mudança de p^{***}, queria mudar junto o corpo e meteu uma fênix fechando mais da metade das costas.

Esse posicionamento é reforçado com a fala de C:

Em alguns casos específicos, como a cobertura de uma tatuagem malfeita, e/ou de uma cicatriz, as pessoas ficam muito mais confiantes e sua autoestima fica visivelmente mais forte.

O significado da tatuagem, portanto, passa a ser o de representação externa da subjetividade do sujeito.

Apoiando-se nas discussões de Le Breton (2004) e Bauman (2005) pode-se observar que este tipo de marca figura como uma tentativa dos sujeitos de escaparem do anonimato, da invisibilidade inerente à era da superexposição, este conceito encerra em si mesmo um dos grandes paradoxos de nosso tempo. Em suma, procura-se simbolicamente identificar-se com um grupo, manifestar uma identidade pessoal, tornar-se pertencente e único, num só tempo. Este fato pode ser percebido na explicação de *D* sobre os desenhos mais recorrentes. Ela diz que

em relação aos desenhos mais procurados, eu acho que isso é uma questão de fase, apesar da tatuagem ser uma coisa, é... permanente. Existe muito essa coisa da moda. É...passei por muitas fases, é... de tatuagens preferidas. Eu lembro que quando eu comecei a tatuar, as pessoas faziam muito infinito, depois teve a fase do coraçãozinho... atualmente as pessoas têm tatuado muito flor de lótus, eu acho que é a tatuagem que tá sendo mais feita atualmente. São muitas fases, mas...sempre tem um desenho que vira uma tendência. Eu não sei se alguém começa a fazer uma tatuagem, as pessoas gostam e... acabam imitando. Atualmente a flór de lótus, e eu acho, os símbolos... talvez dos signos, e coisas assim.

Ela complementa a explicação indicando que “isso é uma característica do tatuado, raramente as pessoas têm uma só tatuagem, **elas são tatuadas**, isso as define também de alguma forma” (grifo nosso), em outro momento esta mesma artista fala da busca que os clientes têm por estilizar a arte de modo que seu desenho, ainda que pertencente a uma categoria, seja único. Tal abordagem foi percebida nas entrevistas dos 8 tatuadores participantes deste estudo.

A TATUAGEM COMO MANIFESTO E A NECESSIDADE DE POTÊNCIA

Os sujeitos desta pesquisa foram escolhidos através de sua disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Num primeiro momento foram contatados os artistas que a pesquisadora conhecia pessoalmente, alguns deles sendo autores das artes que carrega em si; a partir disto, alguns nomes foram indicados, resultando numa seleção de 8 tatuadores de quatro estados diferentes.

O perfil buscado não limitava estilo artístico, tampouco gênero, idade ou tempo de atuação, justamente por mirar numa investigação que incluísse diversos públicos, permitindo uma discussão mais generalista, ainda que aprofundada.

Duas entrevistas foram realizadas pessoalmente, já as 6 entrevistas restantes ocorreram via whatsapp. Na primeira modalidade as perguntas foram feitas uma a uma, sendo todo o processo gravado em áudio; no segundo caso o roteiro foi enviado por mensagem de texto e os entrevistados responderam por áudio, excetuando-se um caso que respondeu as perguntas num arquivo de texto. Como meio de complementar os dados da pesquisa foi realizada uma análise nos perfis de redes sociais destes artistas, observando tanto suas publicações como os comentários de clientes e admiradores.

A intenção de buscar artistas de diversos estados tem relação com o objetivo da pesquisa que **não se refere** a uma comunidade específica, deste modo temos, como apresentado anteriormente, 3 artistas de Salvador/Ba, 3 de Florianópolis/SC, 1 de São Paulo/SP e 1 de Porto Alegre/RS.

Em Salvador entrevistamos *D*, tatuadora há 6 anos, de 28 anos de idade, que recentemente abriu estúdio próprio. Uma característica marcante da sua dinâmica é a obrigatoriedade de marcar horário para ser atendido pela artista, sendo assim, ela não trabalha com a modalidade de portas abertas; no que se refere ao seu trabalho, *D* tem um público majoritariamente feminino, consequência de seu estilo característico.

A, baiano da capital, tem 43 anos e tatua há 22. Formou-se em designer gráfico como forma de aprimorar seu trabalho como tatuador, *A* tatua em estúdio de portas abertas e também com agendamento, sua especialidade é a temática oriental, contudo faz desenhos em outros estilos.

A terceira artista de Salvador é *F*, de 25 anos, paulistana do interior radicada na Bahia, tatua há pouco mais de 4 anos. Assim como *D*, seu atendimento acontece com agendamento com meses de antecedência e seus clientes são em sua maioria mulheres entre 18 e 35 anos.

C, artista de São Paulo, tatua há 4 anos e tem 30 anos de idade. *C* se identifica como um artista sem estilo definido, trabalha com freehand⁷ em estúdio privado e de maneira itinerante tanto como convidado de outros estúdios como carregando seus materiais em sua moto, desta maneira cruzou o país e fez trabalhos também na Europa.

No perfil inicial, *E* foi identificado como tatuador em Porto Alegre, no entanto é nascido no Paraná e atualmente reside e trabalha em Salvador. *E* tatua há 8 anos, assim como *C* não tem uma característica de estilo principal, porém, como trabalha com realismo, acaba sendo mais lembrado por esta técnica.

Em Florianópolis, a pesquisa foi feita com 2 homens e 1 mulher. Esta última, *B*, tatua há somente 1 ano, tem 26 anos e é natural da ilha. Ela é identificada como uma artista de traços finos e precisos, e é bastante procurada por mulheres jovens para fazer desenhos florais e mandalas, como demonstrado em seu perfil de Instagram e em sua entrevista.

Em contrapartida, *G*, de 52 anos, o mais experiente entre os entrevistados nesta cidade, tatua há 31 anos.

Já *H*, de 40 anos, tatuador há 10, é natural do Paraná, mas reside e trabalha em Florianópolis/SC. Apesar de prevalecer o estilo aquarelado em suas redes sociais, *H* cria artes de outros estilos, tanto após entrevistas com os clientes, quanto disponibilizando criações próprias para serem transferidas para a pele.

Uma marca relevante entre os 8 entrevistados é a busca de fazer desenhos personalizados, pois a arte é criativa, não reprodutiva, como colocou *A*. Assim, mesmo quando o cliente traz uma imagem para ser gravada, os artistas buscam dar seu toque pessoal para incrementar o desenho, além de dar mais exclusividade e identidade à marca corporal proposta. Esta prática não se aplica às tatuagens de realismo que buscam reproduzir fotos, normalmente como homenagem a entes queridos. No sentido da exclusividade, *H* se destaca por ser um tatuador reconhecido pelas criações exclusivas, trazendo elementos específicos para cada cliente após entrevista inicial.

Esta prática da exclusividade, dos desenhos únicos, é um traço relevante na discussão da tatuagem como ferramenta de fortalecer a potência identitária – ou potência de existir, para ser fiel aos escritos de Spinoza, porquanto proporciona uma marca tão individual quanto uma impressão digital. A escolha da ideia de potência em

⁷ Estilo de tatuagem no qual o rascunho é feito com caneta diretamente na pele do cliente no momento da sessão.

detrimento da atualmente popular *empoderamento* se dá pelo fato de que tratar de poder é tratar de exclusão, o que não harmoniza com a busca dos tatuados. Baseado na perspectiva de Vasconcelos (2008), empoderamento se refere à noção prática de fortalecimento do poder, este que assim como produz pertencimento, acarreta na exclusão. O empoderamento também implica no aumento da autoestima, fruto de uma conscientização de si mesmo, de seus desejos e vicissitudes, acompanhada por uma mudança em comportamentos autodestrutivos.

Por outro lado, no prisma da identidade, potência diz respeito à segurança de responder – ou não – à questão “quem sou eu” a partir de seus próprios critérios, e, de modo mais relevante, à segurança de flutuar entre ideias e concepções de si numa busca – sem exigência de fim – de criar e definir a si próprio, num movimento desprezioso, porém completo, de *existir*, daí a potência spinozana. O tatuador *E* traz um posicionamento que ajuda a pensar o desafio de marcar em si uma ideia.

É uma espécie de um pequeno sonho que ela [a pessoa] consegue realizar, porque existem duas coisas que impedem uma pessoa de se tatuar; o medo de se arrepender, e o medo de doer [risos]! Né? São duas coisas que atrapalham e quando a pessoa consegue superar isso, ela, ela, ela se sente bem. A impressão que eu tenho é que pra ela é um desafio que ela se colocou e quando ela supera isso, ela fica contente. É bastante positivo!

Em nosso mundo fluido, Bauman (2005) afirma que se comprometer com uma identidade indefinidamente é um negócio arriscado, tendo esta se tornado um produto para usar e exibir num determinado espaço-tempo, não apto à manutenção e armazenamento. Talvez justamente a busca de armazenamento de um estado identitário tenha levado à popularização da tatuagem, principalmente entre os jovens, não com uma ideia de permanência perene, mas de memória acessível. Le Breton (2004) complementa esta perspectiva ao afirmar que a marca no corpo parece traduzir a necessidade de se completar, através de uma iniciativa própria, um corpo que é incapaz de revelar tudo que o sujeito sente e vive. Se o corpo é um manifesto, a tatuagem é um grito.

É através do corpo que o sujeito questiona o mundo e busca o seu lugar, num movimento que Bauman (2005) critica como sendo um constante fluxo de definição de identidades provisórias. O corpo torna-se, então, um símbolo da identidade e um objeto que se reconfigura sem parar em consonância com o próprio fluxo de construção identitária. Para Firme (2013), toda experiência corporal e a produção de conhecimento que advém disto, é um fenômeno biológico individual e limitado,

porquanto, para este autor, o corpo é adepto de um ponto de vista cultural, social e histórico específicos.

“Tatuagens são histórias de si através da pele” (Le Breton, 2004, 122); o indivíduo desenha em si numa tentativa de valorizar seu corpo e declarar sua presença – e posicionamento – para si e para o mundo, ela proclama a independência do indivíduo frente aos padrões e declara sua vontade (Le Breton, 2004; 2007), ainda que num momento passageiro, fica depois como recordação, como lembrança de quem um dia fomos. Firme (2013), em sua dissertação de mestrado, dá o seguinte depoimento sobre sua primeira experiência com a tatuagem:

estar tatuado me causou impressões de que havia avançado em algo, de que estaria mais seguro de mim mesmo, ou melhor, num estado menos problemático do que anteriormente. Parece que o olhar sobre si se redireciona e você acaba se valorizando mais. Não pela superação da dor, mas pelo fato de ter adquirido um repertório de pessoa diferente. Enfim, parece que ao figurar uma mudança do olhar sobre si – uma mudança segura e eficaz em si mesmo – se consegue igualmente alcançar uma mudança e um reconhecimento no olhar do outro, que antes era fonte de muitas incertezas e distanciamentos. Em tese, com a tatuagem, seduz-se o olhar do outro distante/desconhecido, trazendo-o para perto de si, sem prever necessidades de abordagem verbal ou exposição a riscos. Há, portanto, um atributo ativo concernente à tatuagem, que facilita os processos comunicativos entre os pares envolvidos em determinadas situações (Firme, 2013, p.72).

A marcação social e cultural do corpo pode se completar pelos desenhos da vida na pele do sujeito. Pode ser feita em forma de remoção, de deformação ou de acréscimo. Essa é uma prática comum em diversas sociedades: desde a ablação ritual de um fragmento do corpo (prepúcio, clitóris, dentes, dedos, tonsura, etc.) à maquiagem, passando pelas tatuagens definitivas, dietas para modificação da silhueta e outras marcas corporais (Le Breton, 2007).

Em estudo sobre os rituais de passagem segundo adolescentes, Le Breton et. al. (2008) busca identificar as impressões de adolescentes sobre o que representa um ritual de passagem. Através de um estudo descritivo com 751 adolescentes de ambos os sexos, entre 12 e 20 anos, estudantes de escola pública no estado de São Paulo, a pesquisa indica que as principais categorias citadas pelos jovens foram as mudanças físicas, mudanças psicológicas, mudanças sociais (tendo como subcategorias: identidade social, corpo social, interrelacionamentos), comportamento sexual, fatos traumáticos e independência. Este estudo conclui que os rituais de

passagem relacionam-se diretamente com a mudança corporal, sendo ocorrências marcantes e significativas na vida do indivíduo.

DO PLANO À PELE: O RITUAL DE TATUAR

O corpo, como objeto de representação, e símbolo da identidade no tempo presente, ocupa lugar central na dinâmica e imaginário social. Neste sentido, Le Breton (2002), afirma que as tatuagens são assinaturas identitárias que têm por finalidade a afirmação da sua singularidade.

O ritual da tatuagem se confunde com um percurso de construção da subjetividade, no qual há um processo de descoberta de um traço peculiar – característico de si, que o represente – de modo que esta marca o diferencie e identifique, num só tempo. Esse ritual inicia muito antes da agulha tocar a pele. Para os artistas entrevistados, o processo começa quando a vontade de marcar a pele surge no sujeito, daí em diante tudo faz parte do percurso e ficará simbolicamente marcado no desenho efetivado.

Ainda que se possa estabelecer um paralelo entre a figura do tatuador e a do médico – considerando-se que ambos entram em contato com o corpo da pessoa – sua relação é inteiramente diferente, porque enquanto o médico invade o corpo, o tatuador dimensiona o corpo em função do sujeito, da sua subjetividade, como uma unidade, o que afeta o ato de tatuar de tal forma que tocar o corpo é tocar o sujeito, a sua intimidade, não apenas orgânica, mas também psíquica (Le Breton, 1995).

Após a decisão de tatuar-se é iniciado o processo de escolha do artista/estúdio, dando vazão ao fluxo de ideias que definirá, num processo dialógico entre artista e sujeito, a marca que deverá ser eternizada na pele. Assim, surge um laço de proximidade entre os dois indivíduos envolvidos no processo, muitas vezes gerando uma espécie de lealdade na qual a pessoa sempre busca o mesmo artista para tatuar-lhe.

Uma relação vista por muitos como transação comercial envolve uma complexidade de relações simbólicas e subjetivas de constituição da identidade do sujeito a ser marcado. Esta interação começa a se estreitar com a escolha do desenho e suas nuances; tratando sobre este assunto, *E* aborda a importância do significado do desenho ao descrever o processo de escolha da arte.

O primeiro contato ele é bem variado, na verdade. Mas, no meu caso, os clientes vêm com uma ideia ou com... um desenho já pronto, uma

imagem, alguma coisa assim. Quando o cliente vem, não tem ideia nenhuma do que ele quer tatuar, eu não tatuo. Porque, [risos] ele precisa... tem que partir dele essa primeira... ideia do que quer tatuar, né? Pra mim, como profissional, fica um pouco inviável propor alguma coisa, sem um ponto de partida, né? Compreende? É... minha preocupação maior mesmo é quando é a primeira tatuagem do cliente. Eu tenho bastante preocupação em...em informar direitinho todo o procedimento de tatuagem, porque, tem pessoas que conhecem muito pouco. Outros já são bem, bem, outros já conhecem bem o processo de tatuagem. Mesmo assim, eu tomo todo tempo necessário pra conhecer um pouco a pessoa antes de fazer a tatuagem, né? Isso é... bastante importante.

Como esclarece o artista, a definição da arte não é algo trivial, não é uma escolha que possa ser diminuída à simples definição de uma imagem, é uma busca intrínseca à identidade. *B*, no seu perfil do Instagram, diz que “tatuagens são para marcar corpo e alma”, assim pode-se perceber o valor atribuído à marcação corporal enquanto potência de existir, ou ainda, potência identitária.

Entretanto, a escolha da arte não finaliza o ritual da tatuagem, é preciso passar pelo procedimento de marcação. Em culturas antigas e tradicionais a tatuagem era feita com métodos artesanais, como a técnica maori, na qual a tinta é inserida na pele através de agulhas feitas com bambu num processo longo e cheio de significado. Para este povo a tatuagem representa a sua ancestralidade e está intimamente ligada com a sua identidade, é tradicionalmente a representação de si para a coletividade.



Técnica Maori
Imagem retirada do google

Contudo, o método mais popular na atualidade é a marcação por agulha (ou agulhas no caso de sombreamento e pintura) inserida em máquina elétrica que garante maior precisão e agilidade a todo processo. Ainda assim, o procedimento é um grande ponto de tensão entre os que querem se iniciar no mundo da marcação corporal, a artista *D* descreve o tensionamento entre os iniciantes.

Geralmente as pessoas que vão fazer a primeira tatuagem chegam com muito medo da dor, com muito receio do que vai ser; se vai ser uma coisa muito dolorida, se vai ser difícil de suportar, mas sempre que a gente começa a pessoa percebe que não é tanta dor assim, que é uma coisa mais tranquila. Que... às vezes é uma dor assim como a

gente sente em qualquer tipo de... é..., procedimento estético, assim... é muito difícil uma pessoa ter uma reação muito negativa no processo. E também, assim, nunca aconteceu de nenhuma pessoa desistir, assim, comigo. É... apesar da dor, é uma coisa extremamente suportável, eu acho. Ninguém, eu acho que ninguém deixa de fazer outras tatuagens por causa da dor. Acaba sendo um processo muito tranquilo, é... eu tento sempre tranquilizar o cliente, tento deixar o ambiente mais pessoal, pra tentar fazer a pessoa ficar o mais relaxada possível.

O artista G complementa essa percepção afirmando que, apesar do medo ser muito intenso entre

as telas de primeira viagem, [as pessoas] costumam demonstrar alegria maior ainda do que os já tatuados, é algo como... é uma conquista, assim né? Porque eles conseguem superar o medo e realizar um sonho que é se riscar... é isso.

Sobre este mesmo assunto B percebe que seus clientes “demonstram estar gostando de ser marcado, mas a dor é praticamente inevitável”, o que corrobora com a visão apresentada anteriormente por G. A dor, para os artistas entrevistados, faz parte do ritual, “acaba até dificultando as tatuagens por impulso que [os sujeitos] podem vir a se arrepender” (A), considerando os artistas e os jovens escutados ao longo das pesquisas sobre corpo e identidade que originaram este artigo, consideramos que o processo doloroso representa metaforicamente a construção da marca e de uma nova identidade.

CONSIDERAÇÕES

“Por mais tatuagens por amor, por estilo de vida.” (Artista B)

Partindo do resultado desta pesquisa, parece estar havendo um aumento significativo, e até mesmo uma predominância, feminina na busca por tatuar-se, consideramos interessante, para o futuro, investigar se há uma correlação entre o movimento feminista que vem ocorrendo com maior em todo o mundo nas últimas décadas e o protagonismo feminino no mundo da tatuagem.

Isto posto, é possível inferir que a tatuagem representa um momento de potência, uma potência de existir, uma conquista de si mesmo, marcando para si e para o mundo o orgulho de ser o que se é, e mesmo das imperfeições. Nas tatuagens para esconder cicatrizes e estrias, a retomada de si se deve ao camuflar um traço corporal que diminuía a autoestima do sujeito, assim, ela mantém o seu papel de

fortalecimento identitário, de tornar o corpo mais “próprio” e mais apazível para o sujeito, deixando-o mais confortável em sua própria pele.

Outro ponto que cabe destacar é o significado individual da tatuagem, sempre remetendo à identidade do tatuado, seja de maneira profunda ligada ao desenho ou ainda ao *ser tatuado* como marco identitário.

Com relação à aceitação social, ficou claro que a sociedade tem tido uma abertura maior, ainda que ainda existam lugares considerados como tabu para tatuar, como o pescoço, o rosto e as mãos, porém, a tatuagem no tempo presente é considerada como uma adição estética adotada pelo *mainstream* sociocultural, portanto ganhou novos delineamentos em sua própria cultura, deixando de ser uma prática adotada somente pelos rebeldes e excluídos.

O corpo é o primeiro cartão de visitas de um indivíduo e está nos holofotes da cultura atual, assim, é notável que na busca por (re)definir a identidade e declará-la ao mundo, a modificação corporal – seja na forma de tatuagens, cirurgias estéticas ou mesmo dieta para perda ou ganho de peso – tenha lugar de destaque.

Tudo parte do corpo, toda fala, toda forma de aprendizado. Ele, portanto, grita o pertencimento e a individualidade, esta busca de pertencer sem ser igual tem se revelado em nossas pesquisas como um grande anseio do jovem do tempo presente, talvez por isso a tatuagem esteja cada vez mais presente em seus corpos.

A cultura da tatuagem cria uma marca corporal que torna o sujeito único, no entanto ele ainda pertence a um grande grupo, os tatuados, com maior ou menor especificidade a partir da escolha dos desenhos, se feito individualmente ou em conjunto, por exemplo. É um desenho que expressa a permanente impermanência do ser, demonstrando sua identidade em um dado momento, como uma lembrança.

Deste modo, concluímos que muito mais há para se explorar no mundo da tatuagem sob o ponto de vista da psicologia e da educação, como modo para compreender tanto a construção da identidade, quanto o modo de vida dos jovens do tempo presente e suas educações.

Transcender o espaço e tempo escolar é imprescindível para melhor investigar o que constrói a juventude atual, com todas as suas interações e experiências que, como elucida Brandão (1981), são educativas, porquanto em toda troca há construção de saber, e todo saber é uma educação.

Por ora, considera-se que as marcas corporais acompanham o movimento da vida, somos marcados de maneira natural, artificial, imposta e/ou espontânea desde

o momento do nascimento até mesmo depois da morte. A tatuagem caracteriza-se como a cicatriz, colorida ou não, que escolhemos carregar trazendo em nossa pele toda complexidade de um momento vivido, o desenho não é mais do que a alegoria escolhida para dar força a quem somos em determinado tempo, que não será fixo, mas será lembrado.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BAUMAN, Zygmund. **The individualized society**. Cambridge: Polity Press, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BRUNER, J; GOODNOW, J.; AUSTIN, G. **A study of thinking**. Nova York: Wiley, 1956.
- BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRUNER, Jerome. **Actual minds, possible words**. Cambridge: Harvard Press, 1986.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo Editora34, 2017.
- FIRME, Bernardo Sant'anna Médice. **Do fora à pele: notas de uma presença estranha em um estúdio de tatuagem**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. Campinas: Papirus, 2007.
- LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: UNIFESP, 1995.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e a modernidade**. Petrópolis Vozes, 2011.
- LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2002.
- LEITÃO, Débora. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. In: **Caderno IHU Ideias**. Ano 2, n16. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos. 2004.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

VALSINER, Jaan. **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

VALSINER, Jann (Org). **Oxford Handbook of Culture and Psychology**, New York: Oxford University Press, 2012.

VASCONCELOS, E. M. (Org.) **Abordagens psicossociais II: reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares**. São Paulo: Hucitec, 2008.

4 MARCAS DOS CORPOS NO TEMPO PRESENTE: A TATUAGEM COMO DIÁLOGO DE IDENTIDADES

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir o corpo enquanto expressão do sujeito no tempo presente. Para tanto, sinalizamos uma lógica muito presente entre os jovens que são as marcas corporais riscadas em seus corpos, e que se constituem como traços de identidade. Uma pesquisa nas principais bases de trabalhos acadêmicos revelou que, apesar de haver muitos estudos sobre tatuagem já realizados, no âmbito educacional este é um tema escassamente discutido. Como metodologia utiliza uma abordagem qualitativa, com entrevista narrativa, num estudo de caso de perspectiva idiográfica. Os sujeitos desta pesquisa foram entrevistados por três vezes, num período de 2 anos, em estavam com 17 anos no primeiro e 19 anos no último encontro. Um aspecto particular deste caso é que os quatro sujeitos, além de serem irmãos, são gêmeos. Neste íterim, trabalhamos as questões relativas ao corpo, à lógica da tatuagem no tempo presente, e que culminam em questões identitárias de determinado grupo. Dos resultados encontrados destacamos que na tatuagem está a tentativa de marcar para si e para o mundo de modo permanente o seu espaço e identidade. Os sujeitos desta pesquisa refletem o modo como os tatuados buscam estabelecer para si pontos centrais de sua educação, pontos que consideram tão relevantes que querem fazer notar ao olhar. Deste modo, consideramos que o tatuar-se faz parte de um processo que merece ser investigado mais profundamente por pesquisadores e pensadores da educação, afinal envolve e reflete tanto quanto é envolvido e refletido pelas experiências educacionais dos que decidem por marcar a identidade em seus corpos.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the body as an expression of the person in the present time. With this in mind, this work points out a heavily constant logic within youth, namely the body marks scratched on their bodies. Constituted as identity traces. A research on the main academic web sources revealed that even though numerous studies has been developed about tattoos those are rare in the educational field. This paper has a qualitative approach, which uses narrative interviews in a case study of idiographic perspective. The subjects of this study were interviewed three times, the first one with 17 and the last with 19 years old. A particular aspect of these subjects is that they are not only siblings, but also quadruplets. Meanwhile, this paper attempts to discuss the tattoo logic in the present time that results on identity marks of an specific group.

INTRODUÇÃO

As tatuagens fascinam pelo seu potencial de contar histórias e relembrar de momentos, pessoas, lições e/ou pactos firmados entre o sujeito e sua alma. Ao longo

da vida de diversas pessoas, momentos de grande reinvenção identitária são marcados na pele. A motivação deste artigo surgiu quando, durante entrevistas para pesquisa de doutoramento, os quadrigêmeos⁸ enfatizaram o significado de seus riscos e o peso deles na reinvenção e exclamação de suas identidades.

As marcas corporais, e a tatuagem de maneira específica, têm sido amplamente discutidas no âmbito acadêmico nas últimas décadas. Entretanto, essas pesquisas se encontram na sociologia, antropologia, e mais recentemente na arte e psicologia, contudo não foram encontradas pesquisas sobre tatuagem sob a perspectiva educacional, apesar de sua íntima relação com as experiências de educação do tatuado.

Os caminhos da vida se confundem com os caminhos da educação; não há um formato único para a educação, assim como também não há um local pré-estabelecido para que o *educar* aconteça. E permeando essas educações vai-se (re)inventando identidades, nessas (re)invenções as marcas corporais aparecem, sejam elas naturais, acidentais, impostas ou autoimpostas.

Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa, com caráter idiográfico e que utilizou três entrevistas narrativas ao longo de 2 anos. O delineamento escolhido foi, portanto, o estudo longitudinal de casos únicos, para que um olhar aprofundado seja possível. Num primeiro momento, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico para suporte teórico à compreensão do fenômeno investigado. Em seguida, ocorreu a escolha dos participantes por interesse dos mesmos em participar da pesquisa. Irmãos, quadrigêmeos, pertencentes à classe média-alta de Salvador/Ba. Vale considerar que em todas as etapas da pesquisa, foram respeitadas as questões éticas indicadas para pesquisas com seres humanos.

A análise de dados da pesquisa foi realizada com base em categorias temáticas organizadas a partir das narrativas. Este artigo explora a categoria *tatuagem*, assim, o objetivo deste é analisar a experiência dos quadrigêmeos com a modificação corporal pela tatuagem como um diálogo de si para si e para o mundo, e que atua como mais um mecanismo de reinvenção da identidade de cada um deles, e um reflexo do desenho de sua educação.

O TEMPO PRESENTE

⁸ Minha pesquisa de doutoramento versa sobre o corpo e a reinvenção dos sujeitos na educação de jovens no tempo presente em Salvador/Ba, e tem como sujeitos quadrigêmeos inicialmente com 17 anos, hoje com 19.

Pensando nas sociedades tradicionais pode-se considerar que o passado e os símbolos significavam a perpetuação das experiências entre gerações. A tradição era, portanto, um meio de lidar com o espaço-tempo em movimento, dando a ele continuidade e forma, constância; sobretudo através de práticas recorrentes (GIDDENS, 1990). O tempo presente, por outro lado, “camaleoa” em constante mudança numa velocidade cada vez maior; suas características mais marcantes são a impermanência e a fluidez, a continuidade passa a ser definida pela incessante reformulação do cenário e seus atores.

Para Hall (2006), esta mutação ininterrupta é a mais importante característica da sociedade moderna, sendo a principal distinção das sociedades tradicionais (op. cit., 2006). Esse modo de vida e de viver empregados no tempo presente afastaram pela primeira vez os tipos tradicionais de ordem social, que eram baseados na perpetuação dos costumes como forma de preservar culturas e identidades de grupo. Tanto a intensidade quanto a extensão das transformações envolvidas no mundo líquido moderno, como apelidado por Bauman, são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos mundos anteriores.

Estas mudanças trouxeram o fenômeno da globalização, isto é, elas estabeleceram conexões e tiveram, e continuam a promover, impactos que correm o globo, ainda que de maneira desigual; as transformações do tempo presente alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1990). Ainda sobre a globalização enquanto característica do tempo presente, Giddens (1990) afirma que ela implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado, que é substituída por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.

Este tempo globalizado é caracterizado por um processo contínuo, constante e ininterrupto de rupturas e fragmentações internas (HARVEY, 1989), nos quais as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz das informações recebidas sobre elas próprias, mantendo o seu ciclo de alterar-se constantemente (GIDDENS, 1990). Bauman (2005) recorre à famosa tríade de direitos de Thomas Marshall para explicitar tal fenômeno. O autor aponta que os direitos econômicos agora estão fora das mãos do Estado; os direitos políticos que este pode oferecer são bastante limitados e circunscritos; enquanto os direitos sociais são

substituídos um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais.

Ainda para Bauman (2005), o tempo presente ultrapassou a fase “sólida” da modernidade para se tornar a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, ao menos que sejam colocados num recipiente sem nenhum espaço de escape, continuam mudando de forma sob a menor interferência.

Num mundo em que o desprendimento é praticado como uma estratégia comum da luta pelo poder e da autoafirmação, há poucos pontos firmes da vida, se é que há algum, cuja permanência se possa prever com segurança; este comportamento traz um novo dilema aos sujeitos do tempo presente, o de caminhar, e precisar enxergar, na linha tênue entre a liberdade de permitir-se a mudança na busca de reivindicar a sua identidade e o medo de comprometer-se a longo prazo com alguma coisa ao que precisa abrir mão de todas as outras possibilidades.

Para a mente sensata, a atual ascensão espetacular dos fundamentalismos não guarda mistério. Está longe de ser intrigante ou inesperada. Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeitam ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro. Consciente ou subconscientemente, os homens e as mulheres de nossa época são assombrados pelo *espectro da exclusão*. Sabem – como Hauke Brunkhorst nos lembra de maneira pungente – que milhões já foram excluídos, e que para os que caem fora do sistema funcional, seja na Índia, seja no Brasil ou na África, ou mesmo como ocorre atualmente em muitos distritos de Nova York ou Paris, todos os outros logo se tornam inacessíveis. Sua voz não é mais ouvida, com frequência ficam literalmente mudos. E assim têm medo de serem abandonados, sem acesso a um coração afetuoso ou uma mão amiga, e sentem muita falta do calor, conforto e segurança do convívio. (BAUMAN, 2005, p.53)

Assim, o slogan do tempo presente parece ser a proclamação da era multicultural onde se vive como um cliente numa loja de departamentos⁹, caminhando por entre as prateleiras cheias de ofertas dos mais variados tipos e com os mais variados preços, estes que correspondem ao tempo e nível de comprometimento que cada escolha exige, e mais importante, quais escolhas terão que ser deixadas de lado ao comprar determinado produto. Nesta gigantesca loja de departamentos que é o mundo líquido global os transeuntes vagueiam entre suas seções experimentando e testando seus artigos sem o compromisso de comprar nenhum deles.

⁹ Bauman (2005) faz a relação do mundo atual com a loja de departamentos, este artigo usa sua referência para desenvolver e ilustrar as reflexões sobre o tempo presente.

A chamada modernidade líquida, modernidade tardia, ou, como trata este artigo, o tempo presente é caracterizado pela diferença, sua marca corporal mais evidente é a profunda divisão e o antagonismo social que produzem sujeitos com um sem número de posições diferentes, consideradas por Valsiner como I-Positions (2007), todas estas identidades, que podem ser contraditórias, integram um mesmo indivíduo em diferentes momentos de sua atuação social. O que mantém a sociedade atual integrada é justamente o quebra-cabeças complexo que é formado por estas diferenças nas circunstâncias mais globais. Porém, esta imagem articulada só é vista ao longe, quanto mais se aproxima mais as peças se afastam, isto é, a estrutura da identidade permanece aberta a todo instante.

Sobre este aspecto Hall (2006) indica que nenhuma identidade particular (classe social, casta, raça, profissão etc) tem estrutura suficiente para abarcar todas as diferentes identidades de um sujeito numa identidade primordial. Deste modo, o indivíduo é composto por um mosaico das identidades que o compõe. E a ideia de que as identidades eram unificadas nas sociedades tradicionais começa a parecer uma ilusão imposta pela falta de liberdade dos sujeitos daquela época, quando seus anseios eram sufocados por um pré-determinismo de difícil contestação. Agora, o problema da identidade enfrenta uma complexidade que o tornou tema essencial das ciências humanas e sociais.

Hall resume este dilema com a afirmação de que “as identidades estão se tornando híbridas” (HALL, 2006, p.10). Toda identidade do tempo presente parece definir-se como transterritorial e multilinguística, ainda que de maneira virtual, as identidades juvenis se organizam em grupos culturais, as redes sociais e o alcance cada vez maior das mídias e internet torna as novas gerações, este novo tempo, um híbrido de identidades únicas e unificadas.

Com as novas formas de comunicação os sujeitos do tempo presente descobriram e forjaram uma nova forma de ser e estar no mundo, com isso uma nova cultura e novas identidades foram postas à disposição, e ainda muitas estão por ser descobertas...

Neste tempo de superexposições e fluidez contundente, reivindicar e explicitar visivelmente o seu lugar no mundo, tanto para reclamar um espaço quanto sua singularidade, ou ainda para manifestar-se como parte de um grupo, enfim, exclamar a identidade se torna um forte enunciado que está relacionado às inúmeras conquistas dos movimentos sociais de todo tipo no Brasil e no mundo, afinal o tempo presente,

como dito anteriormente, também é marcado pela extensão alcançada pela globalização (SCHWERTNER e FISCHER, 2012).

Toda essa fluidez e articulação de diferentes identidades num só indivíduo reflete-se numa outra característica dos jovens do tempo presente, ser multitarefa. A juventude atual está sempre conectada a diversos canais e tarefas simultaneamente, para Schwertner e Fischer (2012) esta característica reflete um anseio de preencher todos os espaços e tempos em um só momento, quase como uma necessidade de preencher o vazio de sentido da vida cotidiana.

CORPOS INSCRITOS NO TEMPO PRESENTE

O corpo no tempo presente aprende determinadas formas de vida. E a educação é um dos meios mais poderosos dessa aprendizagem. A educação não é um elemento único e nem mesmo é considerado por um único viés. Como afirma Brandão (1981), não é possível determinar um único modelo de educação, isto porque existem muitas formas de aprender e muitas formas de ensinar, portanto, muitas educações. Entretanto, em todas as formas de educação, de ensinar e de aprender, o corpo é o elemento central, muitas vezes invisibilizado oficialmente, quem sabe pelo seu poder de transgressão.

Para Freire (1997, p.111), “do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades”.

Para Le Breton (2002), o corpo é um manifesto. É através dele e com ele que o indivíduo declara suas paixões e idealismos, e, apesar do advento da popularização da tatuagem e das demais formas de modificação corporal, este costume é tão antigo quanto a raça humana. O que muda é que antigamente havia a oposição do homem com a sua alma e hoje o que se opõe ao homem é o próprio corpo, é nele, por ele e através dele que o indivíduo forja a sua identidade e a expressa.

O corpo, portanto, se torna um acessório de presença, o palco para encenação do papel de si mesmo, conforme estabelece este autor. Neste corpo-objeto, que se caracteriza no mundo líquido pela transitoriedade sendo facilmente manipulável, diversas metamorfoses enchem o palco necessitando para tanto tão somente dos desejos do indivíduo.

Este corpo-ser é representante de si, afirmação pessoal visível, e carrega em sua superfície uma estética e moral da presença, o simples fato de estar é um manifesto. Assim, Le Breton conclui que é preciso acrescentar a esta superfície uma marca para poder o indivíduo tomar posse dela. Se toda esta discussão fosse ser resumida a uma frase poderia ser feito nas palavras de Valéry, “o mais profundo é a pele”.

Ao reclamar a sua autoridade sobre o corpo, a juventude investe no corpo como seu lugar, lugar de prazer, de dor, de descobertas e afirmações; para tanto, é preciso adorná-lo como adorna-se a casa e/ou ambiente de trabalho, fazê-lo seu, é preciso criar uma assinatura inconfundível e, por vezes, escandalosa, quanto mais reconhecível – por sua singularidade – melhor.

Ao considerar o tempo presente, este autor percebe o corpo como uma relíquia, uma matéria inacabada, sempre por terminar, através de um trabalho de si sobre si. Entretanto, a soberania pessoal é limitada, fortemente marcada pelos pesados aspectos sociológicos, o ambiente no qual este corpo se insere ao longo de sua história, sua condição social, a cultura, enfim, toda sua história que é também a sua educação, mas através de suas (re)invenções o indivíduo tem a possibilidade de – ou a impressão dela – se fazer nascer, de decidir onde estará o destaque de si, o que fica e o que é descartado de suas experiências vividas.

Este corpo, soberania do sujeito muitas vezes negado ao longo da história, é a primeira ligação de si com o mundo. Para Le Breton, no final dos anos 60, um novo imaginário do corpo ganha asas e faz, sem descanso, uma crítica das modalidades sociais da existência individual. Esta mudança de perspectiva, a retomada do direito ao seu corpo, levou a transformações nos fatos e nas mentalidades que envolvem o direito à contracepção, ao aborto, mudança das relações homens-mulheres, aceitação da homossexualidade e muitas outras questões, a maioria delas ainda considerada tabu para a sociedade atual.

Infelizmente, desde o Renascimento, os sujeitos foram educados para entender o corpo como uma separação. Este é visto como um limite entre o homem e a natureza, uma separação do homem dele mesmo, e é daí que surge o pensamento atual da separatividade. As rupturas sociais, geracionais e culturas que permeiam o mundo do tempo presente tornando-o mais confuso e mais incerto, são sintomas do afastamento do indivíduo de seu corpo. O corpo é sua trama social, seu local de afirmação de liberdade e, sobretudo, de sua identidade.

É no corpo, esta tela que nunca esteve em branco desde o momento do nascimento, que o indivíduo questiona o mundo e procura nele um porto seguro, navega e mergulha em busca de uma identidade – sempre provisória – que seja aceitável por um momento. “Se não se podem mudar as suas condições existenciais, pode-se pelo menos transformar o corpo de múltiplas maneiras” (LE BRETON, 2002, p.19) e com isso forja-se um lugar no mundo, o corpo se torna símbolo do self, um objeto que se reconfigura à velocidade das experiências que refletem na identidade.

Uma mudança emblemática na marca corporal é o fato de que na sociedade grega antiga esta simbolizava que o corpo pertencia a um dono alheio ao corpo, hoje, a marca corporal simboliza a pertença de si mesmo. Mais uma vez Le Breton inspira esta discussão; o autor indica que o corpo é plural, pois acompanha a pluralidade do indivíduo e porque ele o concebe como material de uma produção deliberada de si. Torna-se, então, o indivíduo, artífice de si, construtor da sua própria aparência física, inventor das formas que o revelam ao mundo. Inscreve-se então numa estrutura antropológica que faz justamente do corpo a condição do homem.

O corpo enquanto discurso é desenhado por Pinto (2007) como sendo o agir no ato de fala, para ele, o sujeito de fala só o é porque produz um ato corporalmente, mas o dizer do corpo não é acidental, o ato está ligado à intenção de quem fala. O que é significado pelo corpo excede os limites do tempo do seu agir, assim, para ser legível, o corpo precisa da sua história.

O corpo é performatizado dentro de um espaço-tempo, e somente à luz deste, e dos elementos que os compõem, é que se pode compreender seu discurso. Butler (1998) ajuda a compreender este ponto.

O corpo postulado como prévio ao signo é sempre postulado ou significado como prévio. Essa significação funciona mediante a produção de um efeito de seu próprio procedimento, o corpo que ela todavia e simultaneamente afirma descobrir como aquilo que precede a significação. Se o corpo significado como prévio à significação é um efeito da significação, então o estatuto mimético ou representativo da linguagem, que afirma que o signo segue os corpos como seus espelhos necessários, não é de forma alguma mimético; ao contrário, é produtivo, constitutivo, pode-se até dizer performativo, visto que esse ato de significação produz o corpo que então afirma encontrar antes de qualquer significação. (BUTLER, 1998, p.38-39)

A TATUAGEM E SEUS TEMPOS

Desde a pré-história o homem é representado com o corpo adornado por tatuagens, sendo impossível precisar o momento e local de sua primeira manifestação (BERGER, 2009). Culturas indígenas brasileiras utilizavam, e até hoje utilizam, o

desenho corporal como manifesto de ação, intencionalidade e posição dentro da tribo, em outras palavras, pode-se afirmar que as pinturas indígenas são marcas identitárias respeitadas e valorizadas pelos integrantes deste grupo.

De desenhos hiper-realistas à abstração do pontilhismo, cada corpo tatuado denuncia uma história em seus riscos. A própria ousadia de marcar permanentemente sua pele, por mais aleatória que pareça a escolha, é um manifesto por si só. O corpo que em alguma medida já não ficará desnudo, envolto na roupagem desenhada fala em silêncio gritante. Admirados, rejeitados, excluídos, desejados. Os tatuados são alvos de olhares que vão da admiração ao preconceito, inspirando diferentes sentimentos, e raramente passam na indiferença.

Tendo um status particular em cada cultura, e influenciada pelos padrões de cada época, o século XX foi marcado pela associação da figura do tatuado a atividades ilícitas ou desprovidas de prestígio social. Na primeira metade deste século a maior parte dos tatuados no Brasil era formada por marinheiros que navegavam para outros continentes e ex-presidiários, tendo ainda uma grande representatividade dos artistas mais subversivos e adeptos às críticas sociais. A tatuagem deixa de ser uma cultura marginalizada e passa a fazer parte do *mainstream* brasileiro a partir dos anos 80, quando surfistas, comumente de classe média, começam a buscar a prática. Neste mesmo período a tatuagem ganha o status de arte e seus profissionais passam a ser considerados artistas (SOUZA, s/d).

Já no século XXI, em nossa investigação, a tatuagem aparece como um símbolo de identidade, seja considerando-se as expressões individuais ou coletivas. Esta afirmação, embora pouco desenvolvida, refere-se à nossa ação nesta pesquisa. A tatuagem passa a ser considerada uma identidade corporal e social no momento em que os indivíduos tatuados justificam a opção da tatuagem como forma de estar no mundo, de presença e identificação. No sentido de uma lógica coletiva de inscrição da tatuagem como marca ao mesmo tempo identificadora e diferenciadora de identidades, remetemos à seguinte explicação:

a gente primeiro pesquisou, é... sobre... coisas, na verdade coisas que representavam quatro partes. Tiveram os quatro naipes do baralho, mas a gente descartou a ideia... várias coisas, e a gente chegou nos quatro elementos da natureza, que é o que engloba tudo, né? Que é o que tá presente no nosso dia a dia, como as pessoas se relacionam e tal. Aí minha mãe conhecia um amigo dela, um psicólogo, que tinha... Que tinha... Que era um psicólogo que era meio que especialista nos quatro elementos, aí a gente foi, teve uma conversa com ele, ele... viu mais ou menos quem era o quê... e entre a gente também, né?! Foi muito fácil de descobrir. (Água)



Quadrigêmeos com a tatuagem dos 4 elementos – Imagem cedida por eles.

Em relação à formação desta identidade em escolhas individuais, esta ação também acontece, às vezes de forma concomitante. E isso pode estar muito relacionado com as relações sociais e formas de apresentar-se em espaços e tempos definidos. Uma curiosidade é perceber que a tatuagem passa da lógica da transgressão para a lógica da afirmação, inclusive, muitas vezes, como no caso em questão, com incentivo e/ou consentimento dos pais quando mais jovens. Podemos também inferir a perspectiva educacional neste contexto de escolhas e afirmações. Para Paulo Freire (1997, p.111), “nem somos mulheres e homens, seres simplesmente determinados, nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero que nos marcam e a que nos achamos referidos”. Não é só da educação escolar que a perspectiva educacional se refere, mas também, e talvez principalmente, educação de mundo.

E é especialmente nestas educações para além da educação escolar formal, educações informais, que ocorrem nas interações em grupos culturais, ou impostas por sistemas sociais fora dos muros escolares. É no cotidiano educacional, escolar e não escolar, que se forja as identidades.

Brás (2005) aponta que esta arte é uma prática de subversão, tanto para o artista que opta por dedicar sua vida a marcar corpos permanentemente quanto para os praticantes desse tipo de modificação corporal, que por si só carrega o sentido de marcar uma diferença que se oponha às estéticas corporais tradicionais. Pensando a tatuagem pela lógica da subversão, os adeptos da modificação corporal enquanto ato de contestação parecem considerar que somente as modificações extremas ainda cumprem este papel, porquanto as tatuagens de pequeno e médio porte tornaram-se moda.

As polêmicas e dissonâncias envolvendo tatuadores e tatuados são muitas, se, por um lado, algumas sociedades e pequenos grupos urbanos enxergam o corpo como uma tela por excelência, dando à tatuagem um valor positivo, tal qual para os

Maori; por outro lado, numa mesma sociedade, entre grupos mais conservadores, a tatuagem é altamente marginalizada. Um bom exemplo dessa marginalização está no estigma criado em parte do oriente, especialmente no Japão e entre círculos tradicionais e de poder econômico significativo, sobre o vínculo da tatuagem à adesão à máfia japonesa. Nos contextos mais tradicionais e conservadores, até mesmo tatuagens simples e pequenas são rejeitadas e tratadas como desvio de caráter (BRÁS, 2005; SOUZA, s/d).

De marginal ou de original, a tatuagem tornou-se uma referência essencial da juventude contemporânea. O seu valor inverteu-se, e de maneira durável, porque hoje as jovens gerações, à imagem das anteriores, mas ainda com mais empenho, crescem no ambiente intelectual dum corpo inacabado e imperfeito que o indivíduo se esforça por melhorar com o seu estilo particular. A construção de si próprio é uma atividade que nunca conhece descanso. (LE BRETON, 2002, p.22)

O que se pode afirmar é que, ainda que as marcações a ferro feitas nos escravos por seus senhores e as tatuagens impostas pelo sistema penal já não sejam uma realidade, os portadores de peles desenhadas permanentemente continuam fazendo parte de um grupo de condenados que, mesmo livres – por vezes em defesa desta liberdade –, transgridem intencionalmente ou não intencionalmente aspectos das normas e padrões de constituição da sociedade.

Simbolicamente, a tatuagem unifica o corpo, o sentimento representado e a pessoa que a porta na intimidade da pele, ela é um transbordamento das sensações, como se fosse necessário, através dela, extravasar o que lhe é mais caro. Através das tatuagens, também se procura “atrair” sentimentos como amor, arte, encontro, esperança: é como se estas fossem uma forma de pedir, através do próprio corpo, a realização de desejos íntimos (BERGER, 2009, p.80).

A tatuagem é um limite simbólico desenhado na pele, um ponto de localização na procura de significado e de identidade. É como uma assinatura de si pela qual o indivíduo afirma uma identidade escolhida (LE BRETON, 2002). Marcar no corpo sua identidade é um grito de potência de existir numa voz muitas vezes silenciada. Água demonstra esse aspecto, em sua entrevista ela fala com segurança das características dos 3 irmãos, no entanto ao falar de si utiliza outras vozes, mas não a dela.

Foi muito fácil de descobrir. Todo mundo é muito **aquele!** Terra é muito pé no chão, Terra é muito terra. Ar é muito ar, Vicente é muito tranquilo, meio aéreo. Fogo é fogo puro. Que é aquela coisa do... da criatividade (ênfaticamente), da autoridade. E **dizem** que eu sou muito (riso tímido) água, por conta das emoções, por deixar tudo mais à flor da pele, por me moldar fácil também nos lugares.

Tatuar-se trata de substituir os limites de sentido que desaparecem por um limite sobre si, um estribo identificativo que permite reconhecer-se e reivindicar-se como ele

próprio (LE BRETON, 2002). As tatuagens já não são uma forma de reivindicar radicalismo e subversão total, esta arte toca em profundidade a juventude do tempo presente, atingindo todas as condições sociais, gêneros, diversas culturas por todo o mundo. Já não se pode considerar, devido ao tempo em que está em evidência e à sua popularidade crescente, que a tatuagem é efeito da moda, esta prática mudou e continua a modificar o ambiente social, encarna novas formas de sedução e se regue como um fenômeno cultural.

RISCANDO NA PELE A IDENTIDADE

Apesar de toda popularidade e do status de arte conquistado pela cultura da tatuagem, ainda existe uma tensão latente entre ser tatuado e continuar sendo um cidadão produtivo e não excluído, entre querer ser diferente e não ser rejeitado pela sociedade (PÉREZ, 2006). Essa tensão, ainda que diminuta se comparada ao que ocorria com gerações passadas, é remanescente dos preconceitos e limites sociais que as pessoas confrontam por meio de sua corporalidade e da busca da individualidade.

A discussão sobre o comportamento de diferentes gerações traz à tona o afastamento entre elas. Este afastamento de gerações mostra bem como os mais velhos continuam influenciados pelas antigas imagens negativas associadas às modificações corporais, enquanto para os jovens elas são, pelo contrário, uma maneira de se integrarem, legitimando uma identidade, é um recurso de embelezamento do seu corpo muito mais do que busca de estigmatiza-lo.

Para Le Breton (2002), as modificações corporais podem ser entendidas como formas pelas quais os sujeitos revelam sua presença no mundo, são tipos de assinaturas de si mesmos e que ajudam a afirmar a sua singularidade. As marcas corporais correspondem à busca do indivíduo em completar por iniciativa pessoal um corpo por si mesmo insuficiente para encarnar a identidade pessoal. Não é incomum tentar cobrir ou modificar com uma cicatriz autoimposta e ornamentada uma outra marca mais profunda, traumas intensos e muitas vezes silenciosos para fora do corpo, mas que precisam ser ressignificados para que o indivíduo consiga retomar sua identidade e seguir adiante, para além do momento de dor.

No começo não era o verbo, mas a carne sensível, extensível, os corpos tocam-se e comunicam-se antes dos espíritos, a rede de uma conversa, por exemplo, provém dessas pontes comportamentais lançadas entre os indivíduos, toda a comunidade é tecida por uma malha indicial, tanto mais

eficaz quanto ela permanece, amplamente inconsciente ou primária escondida sob as mensagens ou as articulações secundárias da comunicação verbal, codificada e midiaticada. (BOUGNOUX, 1999, p.21)

Marcel Mauss (1974) discute as diversas formas que as sociedades impõem um determinado – e limitado – uso do corpo ao tempo em que aborda a fabricação das máscaras sociais que sufocam o desejo próprio em nome de um lugar na sociedade. O autor apresenta o princípio da “imitação perigosa”, que evidencia o fato de indivíduos buscarem se tornar cada vez mais parecidos àqueles a quem têm como modelo de sucesso, assim a adoção da tatuagem por famosos amplamente veiculados pela mídia tornou a prática aceitável nos grandes meios sociais.

Em tempos de massificação das informações, padrões estéticos socialmente aceitos são impostos como uma massificação das identidades, porém esta mesma lógica social exige singularidade, deixando os adolescentes em conflito...

Justamente neste aspecto, os “tatuados” são altamente subversivos, irreverentes, inovadores, propulsores de uma nova alternativa de construção estética corporal fora dos critérios aceitos socialmente. Isto não quer dizer que careçam de juízo estético, mas que apenas estão em uma fase experimental, inventando uma linguagem expressiva cujo laboratório de prova são os seus próprios corpos. Nenhum corpo é inviolado; cicatrizes, marcas de sol, o corte de cabelo, todo corpo é modificado a partir do momento de sua concepção.

Viver é uma experiência corporal (PÉREZ, 2006). As tatuagens afirmam uma singularidade individual no anonimato democrático das nossas sociedades, permitem que uma pessoa se julgue única e válida num mundo onde os limites se perdem e em que abunda a iniciativa pessoal. Provocam o olhar, agarram-se a um *look* e atraem as atenções. São uma forma gritante de silenciosa comunicação, de se dar valor e evidência para escapar à indiferença.

Elas aparecem como a busca de construir a si num caminho invisibilizado, o corpo como a tela onde a identidade vai sendo marcada-construída em dinamicidade com os eventos que transformam a forma de estar no mundo do indivíduo, tornando-o local de visibilidade, uma vitrine dos códigos de conduta, regras estéticas e cultura da pessoa que o leva.

Algumas vezes prótese identificativa, superfície protetora contra a incerteza do mundo, significa também mais alegria de existir e demonstração de um estilo de presença (LE BRETON, 2002). A tatuagem representa em muitos aspectos o indivíduo mais do que a própria existência numa sociedade que venera a aparência.

RISCADOS DE UMA EXPERIÊNCIA

A manifestação privilegiada da estética: de experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos, que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido (MAFFESOLI, 2000, p.163)

Ao mesmo tempo em que os corpos tatuados são tratados como objetos de arte, também são emblemas do self, campo de construções de si.

As marcas corporais representam um desejo de singularidade, um modo de minimizar a generalização de si mesmo, os signos impressos nos corpos só podem ser compreendidos dentro de um determinado contexto cultural, por vezes um micro-contexto ao qual pertence o/a tatuado(a).

É nas situações de *fronteira* que a *identidade é mais operante e os traços distintivos são reafirmados e, portando marcados*. E num contexto onde cada vez os palcos tradicionais de constituição de identidades estão esfacelados, o próprio corpo passa a operar como fronteira, como palco privilegiado da marcação de diferenças étnicas, culturais e simbólicas. (BERGER, 2009, p.69)

O corpo humano é permanentemente afetado pela ocupação, religião, estrutura de classes, grupo familiar e outros fatores da cultura, ainda que seus usos apareçam em nossa consciência como naturais (BERGER, 2009; SOUZA, s/d;), isto pode ser ilustrado pela fala de Ar sobre a decisão de sua primeira tatuagem.

Eu acho que primeiro... é... a gente tinha que falar um pouco do porquê a gente fez a tatuagem, de... dessa representação de nós quatro de uma forma mais... Não sei se é material a palavra, mas de uma forma que não seja apenas do sentimento, uma forma que a gente possa ter fixa ali, pra... pra mostrar e representar isso que a gente é. E que... claro que, entra a estética e essas coisas também, mas principalmente por isso. Pra representar o que nós quatro somos juntos e que... e que cada um tem um pouquinho de si e tá representado bem na gente.

A tatuagem pode ser também um símbolo de expressão contrária a determinados valores/padrões, “[a tatuagem] proclama a independência do indivíduo face ao social, a sua vontade clara de fazer de si o que desejar (LE BRETON, 2002). Foi o que indicou Água ao decidir fazer uma segunda tatuagem, desta vez sem a autorização ou ciência dos pais, ela relata:

eu fiz uma recentemente, que... foi meio uma fase de descobrimento assim, meio de rebeldia, tava morando em São Paulo, minha mãe... é foi quando, quando eu **só avisei pra minha mãe**, né? Não pedi mais. E aí... surgiram outras coisas e tal. Mas... Assim, fiz, né? Tomei atitude.



Tatuagens de Água – imagens cedidas por ela.

O ato não foi ignorado por seus pais, levando a uma série de discussões e reorganização da relação entre Bia e os pais, demonstrando, então, que a tatuagem cumpriu o seu papel naquele momento. Ela queria demonstrar, principalmente para si mesma, autonomia, assim como seus pais queriam demonstrar que sua maioridade não precisava representar um rompimento com os conselhos e relação próxima com eles. A segunda tatuagem de Bia representa um rito de passagem importante em sua vida, tendo constituído um elo entre sua personalidade infantil e a identidade jovem que começa a construir.

Sobre esse aspecto, Le Breton (2002), argumenta que as tatuagens são metáforas da aparência e da existência gravadas de uma vez por todas na carne que contribuem para um sentimento de identidade do indivíduo. Isso pode ser compreendido, neste caso específico como uma referência. Uma vez realizadas as tatuagens, seu possuidor é tomado por sensações identitárias, afirmadas pela memória da pele. As tatuagens indicam códigos e valores e mostram que toda e qualquer marca sobre o corpo é uma forma de acesso para se ingressar nas profundezas da vida social e decifrar os códigos inerentes a toda e qualquer sociedade.

Le Breton (2002;2009), Berger (2006) e Pinto (2007) afirmam que as reivindicações de identidade que fazem do corpo uma tela a ser preenchida dirigida aos outros, e principalmente a si, uma estética e uma moral da presença, forma de proteção simbólica contra a adversidade, superfície protetora contra a incerteza do mundo: o significado da tatuagem é propriedade do sujeito, é íntimo, só o próprio é responsável por ele, um mesmo desenho pode ter diferentes significados, mesmo quando feito por um grupo coeso.

Quando é uma iniciativa pessoal, a tatuagem pode vir acompanhada de uma história que lhe dá significado forte e mais íntimo do que das tatuagens antigas como nesta investigação. Os sujeitos investigados procuraram identificações com os símbolos que compõem o desenho escolhido, que para eles caracteriza uma escolha deliberada para reforçar uma identidade pessoal.

Aí gente foi junto no nosso aniversário de 16 anos, e fez a tatuagem. Foi massa. Coisa que significa bastante, né? Que hoje em dia a gente, tudo bem, meio esquece e tal, mas que significa bastante. Que ela tá ali, quando a gente vê a gente sente (Água).

Então é uma coisa que me representa, mas que... representa uma conexão que eu tenho com meus irmãos também, porque eu sou uma parte do que é um todo, do que um universo que tem tantas outras coisas diferentes, no caso as pessoas super diferentes que somos nós quatro, né? (Fogo)

[...] assim, marcar, esse equilíbrio que é a relação de nós quatro, esse, assim... ter uma coisa, uma coisa no corpo que mostrasse isso, um símbolo, né? Esse símbolo do... do nosso amor, da harmonia entre nós quatro. Foi muito importante, e... E é isso, foi uma coisa que, que assim, é muito significativa. (Terra)

Le Breton (2002, p.127) resume elegantemente este princípio com a afirmação de que “uma tatuagem é como a bandeira de uma só pessoa”. A razão da tatuagem é anterior à escolha do desenho, mas a escolha deste é, por vezes, muito elaborada e reveste então um significado preciso para o indivíduo. Assim, as explicações sobre o desenho são frequentemente aproximativas, porque a preocupação não tem a ver com o rigor, mas com o investimento afetivo que se fez na inscrição daquele desenho na pele, a escolha tem mais relação com o sentimento que o símbolo desperta no indivíduo do que com o significado rigoroso deste.

Este autor argumenta que fazer sinais identificativos conduz algumas pessoas a viver uma experiência descrita como espiritual, não relacionada a qualquer referência religiosa, mas poderosa nas suas consequências pessoais. O indivíduo procura as suas marcas de uma forma hesitante, esforça-se por enfrentar o seu mal-estar e por fabricar para si próprio uma identidade mais propícia, e a tatuagem lhe dá esta oportunidade. Tatuarse é um ritual íntimo de criação do sentido de uma maneira menos brutal que as condutas de risco, mas resultam da mesma necessidade interior de dar sentido e relevância à sua existência. Quanto a isso, Água comenta, “agora eu tô querendo fazer outra. Não sei quando vai sair, mas eu tô querendo fazer o 3 O. O Om. Já que eu me conectei com tudo isso, né? Com o vegetarianismo, com o Yoga, com os oito passos de Patanjali, e tudo. Quero seguir”.

A tatuagem, como expressão individual, também identifica na pele dos indivíduos conexões com o grupo a que este pertence. Isso pode ser visualizado, como citado

anteriormente, nas tatuagens em homenagem a artistas ou grupos musicais, seja tatuando o nome de uma banda, um logotipo, uma capa de disco ou um trecho de determinada letra de música. O indivíduo expressa ao mesmo tempo sua individualidade, demonstrando seus gostos pessoais, como o pertencimento a um grupo: os apreciadores de determinada banda, que se ligam expressando no corpo, uma característica subjetiva como a apreciação musical.

Como registra Berger (2009), as imagens estão carregadas de sentido, tanto pessoal como socialmente, só que expressas em outra linguagem – a visual – a qual coloca em jogo o modo de ver que está incorporado em toda a representação, assim como a apreciação individual, implícita na própria forma de ver o mundo.

A gente tinha 15 anos, a gente fez no nosso aniversário de 16, e... a gente... achava legal fazer tatuagem, né? Achava legal tatuagem. E achou esse significado muito legal dos quatro elementos, que são coisas que vivem juntas em harmonia no mundo, e que são A essência de toda matéria, e que o mundo só existe com as quatro, sabe? E aí... também a gente sabia que cada uma tinha um significado muito mais profundo sobre personalidade e tal.
(Fogo)

Le Breton (2002) destaca que ao mudar a forma do seu corpo, muitos julgam mudar a sua existência, e algumas vezes conseguem porque o seu olhar sobre si próprio se modifica radicalmente. O corpo não pode ser entendido como simples produto da cultura, é também um locus privilegiado de reflexão e produção da própria cultura, é uma linguagem, com sintaxes altamente complexas, cuja tradução compreende o entendimento de seus símbolos, mitos e memórias individuais, traçados no corpo. Assim como a musculação, intervenções cirúrgicas e outras técnicas corporais, a tatuagem é um indicador, uma marca social, que revela pertencimento e/ou adesão a certos valores e ideologias. Como dito, o corpo é a tela onde se pintam e se expressam concepções da vida e do mundo.

O tempo é o primeiro a inscrever as suas marcas no corpo humano pela ação do envelhecimento. Outras inscrições como as cicatrizes e as tatuagens acrescentam a sua dimensão própria, por vezes delineando uma história escolhida para ser contada. Os quadrigêmeos carregam suas tatuagens com orgulho. Afirmam que ao olhar o seu corpo tatuado e/ou ao serem lembrados sobre as tatuagens, se recordam das razões que motivaram a decisão e circunstâncias em que o processo ocorreu, desde a escolha até a cicatrização.

Para Le Breton (2002), o corpo é o arquivo de si mesmo, marca da abertura pessoal de uma passagem. O corpo é, portanto, uma história da existência, tal como as cicatrizes evocam incansavelmente um acidente ou a queda, a tatuagem desencadeia logo a lembrança das circunstâncias da sua inscrição, a recordação das

sensações experimentadas, dos propósitos trocados nesse momento. É uma memória privilegiada, conforme ressalta Fogo,

e eu acho que tatuagem é isso, tipo... você marcar uma coisa em você que... é... tem um significado, e você goste de ter, assim... é como vestir a camisa de alguma coisa, sabe? Você tem orgulho daquilo de alguma forma e aquilo te representa muito de alguma forma. Eu vejo tatuagem mais como isso, porque é uma... é como um carimbo no seu corpo, tipo.. Acho que diz muito sobre o que você é, entendeu?

Nestes casos, a tatuagem, o riscado sobre a pele, passa a ser uma maneira simbólica de tomar posse de si que se reflete numa sensação de potência real e condutas concretas. Para Ar, além da questão simbólica, a tatuagem é um adorno escolhido,

a tatuagem, eu vou te mandar uma foto aqui depois do áudio, é de uma bicicleta. É, assim... ela não é 100% significado não. Ela... é... é o seguinte: atualmente eu tenho usado muito bicicleta. Atualmente não, há um tempo atrás já, eu e Terra, a gente usa muito bicicleta. E eu criei um prazer muito grande pela bicicleta, principalmente porque é um dos momentos que eu consigo relaxar a cabeça, que eu consigo ficar sem pensar em nada, esquecer de problemas, essas coisas. Então, por um tempo foi muito um refúgio assim pra mim de, de, de fugir de problema que eu tava passando. E, por gostar mesmo também, porque eu me divirto muito andando de bicicleta, então eu gosto, é um exercício e etc. E também porque eu acho um desenho bem bonito. Então juntando tudo isso eu resolvi fazer, e aí fiz. É isso.



2ª tatuagem de Ar – Imagem cedida por ele.

Assim como a cultura e a identidade, o corpo é construído, nunca tendo este processo concluído, no tempo de suas vidas, como uma elaboração incessante, os corpos vão sintetizando o processo de busca e de construção de si mesmos.

CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, buscou-se discutir o corpo enquanto expressão do sujeito no tempo presente. Para tanto, sinalizamos uma lógica muito presente entre os jovens que são as marcas corporais riscadas em seus corpos, e que se constituem como traços de identidade.

O corpo é o nosso mais rico discurso, nele estão inscritas a história de um indivíduo seja pelas marcas naturais, acidentais, impostas e/ou autoinfligidas. E,

portanto, a sua cultura. Na sua forma de estar o corpo fala, anuncia, grita a identidade, cultura e educação que carrega.

Le Breton (2002;2009) mostra que as condutas de risco são um modo do indivíduo, especialmente o jovem, provar-se vivo e reclamar o seu lugar no mundo. As tatuagens, no caso estudado, são a representação estética deste manifesto. Um projeto que envolve a reflexão sobre a própria identidade e a marca que quer levar – e anunciar – de si para o mundo, tentando imortaliza-la, torna-la permanente, até que a próxima transformação aconteça.

A pele aparece como uma tela a ser preenchida com as experiências significativas da vida, como um passaporte a ser carimbado ao adentrar uma nova história. O corpo torna-se tanto um álbum de lembranças quanto um quadro de lembretes do que não se deve perder de vista. Cada risco envolve uma história que transcende os limites da pele, começam muito antes do desenho e se prolongam para além da marca inscrita. Os sujeitos desta pesquisa retratam com riqueza esta perspectiva da tatuagem e do tatuado, pois relatam em suas narrativas como os desenhos foram ganhando forma na mente e na pele, a partir de experiências de vida, experiências de educação, pois lhes deram conhecimentos que até aquele momento não tinham.

Mesmo nas instituições de ensino escolares, os ensinamentos que mais marcam o sujeito não estão pré-determinados em parâmetros e referenciais curriculares, são marcados por interações culturais e vão se desenhando, ganhando um contorno único, ainda que carregado de referências, para cada identidade de cada indivíduo. E estes desenhos são, muitas vezes, transpostos em tatuagens.

Todo arcabouço que envolve a tatuagem é inseparável da história educacional do tatuado, em realidade, desde o momento da decisão até quando a nova marca cicatriza, tornando-se parte daquele indivíduo em constante (re)invenção ocorre um processo educacional profundo, e neste todos os outros são trazidos para o divã. Daí a relevância de atentar mais a esta temática sob uma ótica educacional.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. Tese de doutorado, PPGAS, FFLCH, USP, 2006.

BERGER, Mirela. Tatuagem: a Memória na Pele. In: **SINAIS** – Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.05, v.1, Setembro. 2009.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da Comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

BRÁS, Camilo Albuquerque de. Além da pele: Reflexões sobre a extreme body modification em São Paulo. In: **Os Urbanitas**. Revista de Antropologia Urbana, ano 2, vol. 2, n. 3, dezembro de 2005.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. In: **Cadernos Pagu**. n11, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIDDENS, A. **The consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **The condition of post-modernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2002.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa**. RJ: Forense, 2000.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: A noção de pessoa e a noção do eu. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974. Vol. 1.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. In: **Mana**. Vol 12, n1, 2006.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. In: **D.E.L.T.A.**, vol 23, n1, 2007.

SCHWERTNER, Suzana F. e FISCHER, Rosa Maria B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte. Vol.28, n1, Mar. 2012.

VALSINER, Jann (Org). **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

5 NOVOS CORPOS E A (RE)INVENÇÃO DO SUJEITO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A EDUCAÇÃO NO TEMPO PRESENTE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE QUADRIGÊMEOS EM SALVADOR

RESUMO

Este artigo tem por objetivo a (re)invenção do sujeito do tempo presente a fim de compreender a educação neste tempo. Para tanto, utilizamos da experiência de quadrigêmeos da cidade de Salvador/Ba como ponto de partida e ilustração desta discussão. o estudo de casos únicos como parâmetro metodológico desta pesquisa, tendo sido escolhida como ferramenta principal para a coleta dos dados a entrevista narrativa a partir de uma pergunta disparadora. Os sujeitos desta pesquisa foram entrevistados por três vezes, num período de 2 anos, em estavam com 17 anos no primeiro e 19 anos no último encontro. Um aspecto particular deste caso é que os quatro sujeitos, além de serem irmãos, são gêmeos. Para realizar esta investigação, utilizamos primordialmente dos estudos de Jaan Valsiner e Bruner na discussão dos aspectos psicológicos do tema, com forte contribuição de Le Breton e Bauman para tratar, respectivamente, do corpo e da identidade. No tocante à educação nosso arcabouço pautou-se em Brandão, entretanto outros autores foram convidados ao longo das análises como forma de contribuir e tornar a pesquisa mais clara e aprofundada.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos as características da cultura e identidade de um povo estão em constante movimento. Cada geração é marcada por signos culturais que a identificam, tornando-se o foco de seus jovens. Todas essas mudanças são acompanhadas pelo corpo, pois é nele que tudo acontece e onde tudo se reflete, deste modo caracterizando-se como um grande espelho cultural. O novo corpo parece não ter fronteiras precisamente definidas, estas beiram o etéreo, é um corpo fluido, e em permanente construção.

O corpo do tempo presente já não reflete apenas marcas naturais, acidentais ou impostas, é um corpo marcado pelo sujeito para contar sua história à sua maneira. Pensando nisso, este artigo investiga, a partir do corpo, a (re)invenção do sujeito do tempo presente a fim de compreender a educação no tempo presente. Para tanto, utilizamos da experiência de quadrigêmeos da cidade de Salvador/Ba como ponto de partida e ilustração desta discussão.

Utilizamos, portanto, o estudo de casos únicos como parâmetro metodológico desta pesquisa, tendo sido escolhida como ferramenta principal para a coleta dos

dados a entrevista narrativa a partir da pergunta disparadora **como você se descobriu como sendo você?** Assim, fomos expostos à história de vida de cada um deles, sob sua própria percepção.

Foi neste processo que o corpo se destacou como elemento essencial tanto na construção da identidade quanto como reflexo da educação, levando-nos a novo desenho de pesquisa com novas perguntas e problemas centrais a serem respondidos. Isto posto, é válido dizer que este trabalho foi construído junto com os sujeitos pesquisados, tendo como ponto de partida o interesse nas tensões vividas pelo jovem do tempo presente na busca de sua identidade, a partir do que se deu o desenrolar de todos os artigos que integram a tese, incluindo a presente discussão.

Para realizar esta investigação, utilizamos primordialmente dos estudos de Jaan Valsiner e Bruner na discussão dos aspectos psicológicos do tema, com forte contribuição de Le Breton e Bauman para tratar, respectivamente, do corpo e da identidade. No tocante à educação nosso arcabouço pautou-se em Brandão, entretanto outros autores foram convidados ao longo das análises como forma de contribuir e tornar a pesquisa mais clara e aprofundada.

A juventude é um período fortemente marcado pela prospecção para a vida adulta. O período que compreende o final da vida escolar básica amplifica as tensões de tal prospecção pela eminência da escolha profissional, considerada como escolha de vida e, muitas vezes, apresentada como algo estático e definitivo. Erikson (1976) corrobora esta afirmação ao teorizar a influência dos ambientes e reflexos da vivência social durante todo o curso de vida, especialmente sobre a adolescência.

De acordo com este autor, a vida se desenvolve em estágios distintos. A cada estágio o indivíduo é confrontado com um conflito central, ou seja, cada estágio traz em seu cerne uma crise que precisa ser ultrapassada. Na juventude, especificamente, essa crise se refere à construção identitária, esta que se caracteriza como uma constante mudança, acentuada neste momento do ciclo vital, e que responde às experiências e informações adquiridas nas interações diárias do jovem com outros e com o meio.

A maioria dos estudos neste campo temático foca nos aspectos macrossociais e/ou contextuais como sendo determinantes para compreender os processos vivenciados pelos jovens. Fatores como a obtenção do primeiro emprego, formação de uma família, parentalidade, entre outros, assim como a organização das instituições educacionais, funcionamento do mercado de trabalho e organizações

familiares presentes em um determinado contexto são vistos como condicionantes estruturais do desenvolvimento nessa etapa da vida, determinantes da identidade do adolescente (MATTOS, 2013), neste trabalho, estes aspectos são confrontados com os microssociais, como as crenças familiares, as dinâmicas dos grupos de pares, e, no caso dos sujeitos desta pesquisa, a dinâmica entre os irmãos.

CULTURA E EDUCAÇÃO DE JOVENS NO TEMPO PRESENTE

Conforme sugerem Bruner e Valsiner, os valores não estão na cultura, eles **são** a cultura, considerando que a cultura se constitui fundamentalmente a partir de valores. Eles estão em toda parte, mas é difícil nomeá-los e localizá-los com precisão. No entanto, eles ganham relevância quando entram em operação. Isso ocorre porque os valores são signos hipergeneralizados que orientam a conduta humana e localizam-se no nível mais alto da hierarquia de regulação semiótica (BRUNER, 2005; VALSINER, 2006).

É preciso considerar que a pessoa e a cultura se co-determinam (PORATH; BRUNER, 2000), e as rupturas da adolescência são intensificadas no período que corresponde ao seu final, que vai dos 15 aos 19 anos, onde transformações que ocorrem especificamente no campo da subjetividade dos jovens estão em evidência em suas vidas, explorando processos tais como a configuração ou (re)configuração dos sentidos de si mesmo e do mundo e a relação desses processos com as escolhas profissionais.

Existe, entretanto, uma simultaneidade e sobreposição nas transformações vivenciadas na adolescência que faz com que não existam diferenças muito marcantes entre ser adolescente e ser adulto. Apesar de sua inquestionável importância,

as transformações que envolvem a construção ou configuração de um conjunto de sentidos pessoais – i.e. sentidos subjetivos – que orientam as ações presentes e futuras da pessoa ainda são pouco exploradas na área acadêmica (MATTOS, 2013, p.18).

Sobre a importância, e a inevitabilidade, das mudanças nas transições da vida e especialmente da adolescência, Zittoun (2013) aponta que a qualidade de tais mudanças deve ser levada em consideração numa pesquisa, e na vida, pois está relacionada tanto ao bem estar da pessoa quanto à sua adequação ao meio.

Afirmando ainda que qualquer mudança que possibilite novas mudanças é desenvolvimental, porém uma mudança que leve a pessoa à alienação do mundo social, ou de si mesmo, limita novas mudanças, e, portanto, deve ser considerada não-desenvolvimental.

Essas mudanças têm, na juventude, a escola como seu palco principal, porquanto o jovem tende a passar entre 5 a 8 horas diárias neste ambiente, e esta, conforme indica Valsiner, é também um ato de violência.

It can be claimed that formal education is an act of violence – against currently existing socio-cultural states of affairs (e.g., review by Harber, 2002). Formal education was introduced in human history as a means to distance the learners from their immediate knowledge bases, and to make them accept and cherish the corpus of knowledge and values that transcended their local community. As such, formal education differs cardinally from its informal counterpart—the latter brings the young of the given society in line with the existing socio-cultural system. (VALSINER, 2003).

Ainda sobre a educação como uma violência, é possível considerar que toda organização escolar é construída para ser um ato benevolente de violência (ZITTOUN; HVIID, 2013), violento porquanto a sua função é a de promover rupturas, e consequentes reestruturações subjetivas, ou transições, que levarão a um novo patamar, este processo é nomeado pedagogicamente de aprendizagem, e incute a característica benevolente do ato.

As rupturas são entendidas como quebras em ciclos conservativos que forçam a pessoa a reestabelecer um sistema em outra ordem hierárquica, e por este motivo causam desconforto, há algo de sofrido em toda ruptura. E este estabelecimento multinivelado, como dito anteriormente, é uma transição (HVIID; ZITTOUN, 2013), assim toda ruptura implica na necessidade de transições subsequentes para reorganizar o ciclo conservativo numa nova configuração mais adequada à nova realidade.

As rupturas que levam e são intermédio para a formação de uma própria identidade, são também formadoras de uma cultura pessoal retroalimentada pelas culturas imediatas às quais a pessoa se submete e nas quais passeia ao longo do seu desenvolvimento. A superação das rupturas demanda mudanças profundas e significativas que atuam como catalisadoras na emergência de novos processos, ideias, formas de sentir, agir e pensar, enfim, em maior ou menor escala, a superação de uma ruptura resulta na reorganização da identidade.

No que tange à dinâmica educacional em ambiente escolar, Dayrell (2007), realizou um estudo sobre a socialização juvenil no qual discutiu as relações entre juventude e escola, a partir da problematização do lugar que a escola ocupa na socialização da juventude contemporânea, particularmente dos jovens de camadas populares. O autor trabalhou com a hipótese de que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços, afetando diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações. Dayrell (2007) evidenciou a existência de uma nova condição juvenil, as transformações existentes na instituição escolar e as tensões e os constrangimentos no constituir-se enquanto alunos, concluindo que a escola se tornou menos desigual, mas continua sendo injusta.

Dayrell (2007) ao discutir as relações entre juventude e escola a partir da problematização sobre o lugar da escola na socialização da juventude contemporânea, em especial da juventude de baixa renda, aponta que o primeiro passo para compreender a juventude contemporânea é verificar que o seu problema com a escola está para além dos muros da mesma, e para além da condição de ser jovem. O autor aponta como hipótese que as tensões da relação juventude x escola são reflexos das constantes e importantes mudanças sociais, afetando os processos de socialização das novas gerações, bem como a produção social de indivíduos. Acrescenta:

na escola ainda domina uma determinada concepção de aluno gestada na sociedade moderna. Nesse momento, havia uma clara separação da escola com a sociedade, com a primeira sendo considerada espaço central de socialização das novas gerações, responsável pela inculcação de valores universais e normas que deviam conformar o indivíduo e, ao mesmo tempo, torná-lo autônomo e livre (p. 4 *apud* Dubet, 1994).

Entretanto, a educação não se faz somente na escola, como pondera Brandão (1986) não se pode separar a educação do mundo e dos domínios sociais e culturais, sendo estes espaços em que ela existe de maneira concreta. O sistema formal de educação gera um tensionamento com a educação que acontece espontaneamente nestes espaços, pois a instituição escolar a associa a determinações sociais, na busca de compreender, explicar e estabelecer regras e sistemas com uma finalidade técnica. No entanto, educação refere-se ao aprendizado do ser enquanto ser, e isto transcende a escolarização e os espaços formais.

O ensino, que entre os homens é um bailado de gestos de corpos dóceis, mãos hábeis, olhos acurados que se encontram face a face e, juntos olham em uma mesma direção, de inteligências conscientes e identidades capazes de sentimentos até então inexistentes, precisou esperar que o corpo da vida tomasse tais formas e fosse capaz de estabelecer tais relações com o outro, no mundo, para então aparecer plenamente. (BRANDÃO, 1986, p.10)

Esse cenário deve-se, em parte, a uma divisão social do saber, utilizando-nos do mesmo termo que Brandão, na qual é legado o direito de conhecer e ensinar determinado saber a um grupo específico, e isto se dá com todo tipo de saber, assim a escola se torna o local legitimado para a transmissão do conhecimento por pessoas igualmente legitimadas e que passaram por um processo de aquisição do conhecimento tido como superior, ou a universidade.

Isto acontece, pois a instituição escolar prioriza as demandas da sociedade, em detrimento das construções identitárias do próprio estudante (REIS, 2012; LEÃO, 2011; ZITTOUN; HVIID, 2013). Os colégios têm seu foco, quase que exclusivo e de modo crescente, no desenvolvimento das ferramentas cognitivas básicas para que seus estudantes obtenham altas pontuações no ENEM e em outros exames vestibulares das grandes universidades do país. A atenção exacerbada à capacitação nas disciplinas curriculares como modo de acesso à vida universitária é protagonista não somente da dinâmica escolar institucional, como é também exigido do adolescente que se concentre nisto nas suas horas extraescolares.

Espaços de participação como o grêmio estudantil e outros clubes de interesses dentro da escola também são importantes esferas de produção de valores, aprendizagens e trocas, que, infelizmente, têm perdido espaço para mais aulas voltadas para as habilidades exigidas nos vestibulares e ENEM.

Outro desafio a ser enfrentado se refere à identidade do ensino médio. Há uma permanente tensão entre formação geral e/ou profissional, ensino propedêutico e/ou técnico, que diz respeito ao papel da escola média como etapa final do ensino básico e sua relação com o mercado de trabalho, com o ensino superior e com a formação pensada em termos mais amplos, relacionada às noções de autonomia e cidadania. [...] Acrescentamos ainda a necessidade de desvendar o papel e o sentido atribuídos pelos jovens à escola, o que aponta para a discussão necessária sobre as possíveis relações que os jovens estabelecem entre os seus projetos de vida e a experiência escolar. (LEÃO et al, 2011, p. 256)

No momento decisivo de escolhas de futuro, construção de vida muitas vezes tratadas pela instituição escolar como fixa e rígida sem possibilidades de transmutação, a escola demonstra pouco contribuir para um conhecimento do que a

universidade pode ou não oferecer, pouco esclarece sobre os cursos existentes, suas especificidades e/ou demandas próprias.

É preciso destacar que os caminhos da vida se confundem com os caminhos da educação; não há um formato único para a educação, assim como também não há um local pré-estabelecido para que o *educar* aconteça (BRANDÃO, 1981). A educação não é um elemento único e nem mesmo é considerado por um único viés. Como afirma o mesmo autor citado anteriormente, não é possível determinar um único modelo de educação, isto porque existem muitas formas de aprender e muitas formas de ensinar, portanto, muitas educações. Entretanto, em todas as formas de educação, de ensinar e de aprender, o corpo é o elemento central, muitas vezes invisibilizado oficialmente, quem sabe pelo seu poder de transgressão.

Brandão (2005) aponta que crianças menores demonstram natural e claramente esta afirmação, reafirmando que aprendemos conosco mesmos, pois lidamos com o corpo a todo instante, e é neste ponto que as crianças menores se destacam, pois dedicam boa parte do seu dia às brincadeiras e é nelas e com elas que aprendem a falar, conhecem suas preferências, seus desafetos, enfim, entram em contato consigo e significam dando sentido às informações que lhe foram apresentadas em diversos momentos e ambientes.

Ao longo de nossa vida – e não apenas durante a infância e a adolescência – convivemos em e entre diferentes grupos sociais. E dentro deles aprendemos: nossos grupos de idade (como uma “turma de amigos”), nossos grupos de interesse (como um time de futebol), nossas equipes de vida e de trabalho. Cada um deles aporta uma fração daquilo através do que, aos poucos e ao longo de toda a vida, nós nos socializamos. Nós aprendemos, em diferentes e integradas dimensões de nós mesmos, os diversos saberes, as sensações, as sensibilidades, os sentidos, os significados e as socialidades que, juntas e em interação em nós e entre nós, nos tornam seres capazes de interagir com uma cultura e em uma sociedade. (BRANDÃO, 2005, p. 85)

Mesmo nas instituições de ensino escolares, os ensinamentos que mais marcam o sujeito não estão pré-determinados em parâmetros e referenciais curriculares, são marcados por interações culturais e vão se desenhando, ganhando um contorno único, ainda que carregado de referências, para cada identidade de cada indivíduo.

A EXPERIÊNCIA DE QUADRIGÊMEOS EM SALVADOR/BA

Provenientes de uma família de classe média-alta de Salvador/Ba, estudantes do 3º ano do Ensino médio em colégio particular na ocasião da primeira entrevista, os

quatro sujeitos desta pesquisa, dois homens e duas mulheres, quadrigêmeos, agora cursam ensino superior na Universidade Federal da Bahia. O estudo longitudinal nos deu a difícil e deliciosa tarefa de testemunhar e analisar as inúmeras transformações ocorridas ao longo de dois anos, dos 17 aos 19 anos de idade.

Os quadrigêmeos, como comumente são apelidados, formam uma unicidade harmônica apesar, e, ouvimos deles, devido às inúmeras diferenças que existem entre eles. Sempre tendo tido acesso aos mesmos ambientes e possibilidades, Terra, Ar, Água e Fogo, como os apelidamos para esta discussão por motivos que logo serão elucidados, moldaram e tiveram moldadas suas identidades de forma única se diferenciando cada vez mais ao longo do tempo, mas também se aproximando a cada dia.

A pesquisa inicialmente contaria com 8 participantes, mas o imediato interesse dos 4 de participar do estudo levou a um redesenho metodológico. Logo no primeiro encontro, ao terem esclarecido os objetivos e caminhos da pesquisa, o que deveria ser uma conversa introdutória durou 2h36m e a certeza de que há muito mais a ser discutido sobre a identidade na educação do que vem sendo discutido, e do que esta tese conseguirá alcançar. Assim, após o terceiro encontro, já com narrativas consistentes e recorrentes em determinados temas, decidi junto com minha orientadora por focar a análise nos cruzamentos entre o corpo e a reinvenção dos sujeitos.

Os irmãos descrevem seu contexto familiar de um modo irreverente. Ao tentar resumir o cenário, um deles descreve a família materna como sendo a *família tradicional brasileira de porta-retrato*, os seus membros são, de modo geral, conservadores e de extrema direita. Uma das meninas descreve a família do pai como sendo *mais aberta*, e é interrompida pelos irmãos que confirmam sua percepção e dizem que a família paterna é mais preocupada com a felicidade de seus membros do que com a imagem que carregam ao mundo.

Essa breve descrição dá uma ideia do conflito enfrentado não só pelos sujeitos dessa pesquisa, mas pela maioria dos jovens brasileiros, cada um com detalhes pessoais impossíveis de generalizar, mas com panorama geral muito similar. Os jovens, ao adentrar a adolescência e se encaminharem para a idade adulta, são exigidos num só tempo a definir a sua identidade – como se fossem carregar um conjunto único de características por toda a vida –, e nesse conjunto vêm as opções da vida profissional, pessoal e religiosa, além de serem também cobrados a exercer

um papel pré-determinado pelos desejos, anseios e tradições familiares (VALSINER, 2007).

Em 2015, em um seminário com o psicólogo dinamarquês Jaan Valsiner, o questionaram sobre a veracidade da narrativa, os fatos narrados podem ser considerados reais pelo simples fato de terem sido narrados? Valsiner respondeu com a citação de Cotzee “nossas mentiras revelam tanto sobre nós quanto nossas verdades”, e explicou que se o estudo estiver tentando reconstruir um fato histórico, então não, muitas pessoas devem ser consultadas e ouvidas até se ter uma ideia, um vislumbre, do que ocorreu, mas nunca será possível chegar à verdade absoluta. Mas no que se refere às pesquisas sobre subjetividades, então sim, considera-se o que foi dito, pois o que foi dito é o que foi/é sentido. E para este autor (2007) isso define a identidade, o conjunto de I-Positions¹⁰, ou sentidos e significados dado a si mesmo.

Caminhando lado a lado com a crescente atenção à temática da identidade (BAUMAN, 2005), a escola vive uma crise de legitimidade, uma crise de identidade, por assim dizer. Por um lado a sociedade, representada na comunidade escolar pela família, exige que a escola, por si só, seja suficiente para “preparar o indivíduo para vida”, por outro lado, a escola declara que sem a parceria com a família não é possível bem preparar seus alunos, ainda num terceiro lado, os alunos demandam na escola o ambiente para formação de si, um espaço para discutir e formar opiniões, debater ideias, conhecer novas perspectivas etc (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

No início dessa pesquisa o objeto estava definido de modo a investigar as diferentes vozes que fazem tensão no processo de construção identitária do jovem na transição do Ensino Médio para a Universidade, as principais vozes que me interessavam eram a família, os amigos e a escola, as três sendo confrontadas pela – ou em confronto com a – voz dos próprios jovens. Nesta ocasião os quadrigêmeos ainda tinham 17 anos, portanto além deles, seus pais assinaram o termo de consentimento, e foram igualmente esclarecidos sobre os objetivos e métodos da pesquisa.

Fui muito bem acolhida na residência da família, onde ocorreram todas as entrevistas, e já no primeiro encontro a pesquisa começou a ganhar novos contornos. Inicialmente eu planejava fazer entrevistas individuais, no entanto os quatro sugeriram

¹⁰ Para entender melhor o significado deste conceito ler o livro *Culture in Minds and Societies* de Jaan Valsiner, publicado em 2007 pela editora Sage.

que eu as fizesse em conjunto, assim eles complementaríamos um ao outro. Assim fiz e o resultado foi riquíssimo.

Além da mudança metodológica, conflitos que eu esperava que surgissem não foram apresentados, em contrapartida questões que não entravam nas minhas hipóteses foram levantadas. Um dos posicionamentos que me levou a repensar o recorte a ser abordado teve seu gatilho numa fala de Ar sobre a tomada de posse de sua identidade. Ar indicou que a mudança de escola foi um catalisador para sua mudança de visão sobre si mesmo, tendo despertado para o fato de que desempenhava um personagem que não queria ser, somente para agradar aos outros e ser “publicável no Instagram” (palavras do entrevistado).

Com essa fala, seus três irmãos passaram a discorrer não somente sobre a transformação de Ar – deixando de ser um personagem para ser ele mesmo – como também sobre os momentos em que eles próprios começaram a se perceber com a escolha sobre quem seriam; passaram, na percepção deles, a tomar decisões mais conscientes sobre o que gostam ou não, o que querem ou não, o que pensam da vida e o que acreditam. Os quatro irmãos tiveram seus momentos-chave relacionados ao corpo, ainda que com nuances completamente diferentes.

Ar, como dito, se percebeu numa transição entre o garoto que gerava *likes* nas redes sociais para um jovem ligado à natureza, surfista, de cabelos cumpridos, que muitas vezes recebia olhares de reprovação por conta de seu visual. Água teve seu “estalo” marcado pelo fim de um relacionamento abusivo, o primeiro relacionamento sério que teve, no qual era constantemente depreciada pela sua aparência física e preferência nas coisas mais triviais, como o gosto musical; durante o relacionamento fez dietas “loucas”, como descreveu, e passou por um processo depressivo complicado, relatado com mais detalhes pelos irmãos do que por ela mesma. Após o fim do relacionamento, Água relata que ao mesmo tempo que se sentiu perdida na questão “quem sou eu?”, se sentiu livre pelo mesmo motivo, pois agora se sentia autorizada a explorar e conhecer suas preferências. Hoje é a mais tatuada entre os irmãos, faz atividades circenses (tecido), yoga, e sente-se satisfeita com seu corpo e aparência física.

Terra relatou a sua constante luta com a balança e o desejo, muitas vezes sufocante, de corresponder às expectativas da família, principalmente materna, a que eles descrevem como mais difícil de agradar. Após perder peso drasticamente, com o apoio de seus pais, relata que decidiu que não tentaria mais agradar ninguém,

passando a responder a si e fazer o que acha certo, ainda que a aprovação de sua família, principalmente sua mãe e avós maternos, continuasse a exercer grande influência sobre si.

Por fim, Fogo descreve seu momento de tomada de posse da sua construção identitária como “período de revolta”, quando não queria estar com os irmãos para se desvincular do estigma de quadrigêmeo, e fazia escolhas diferentes do que os pais indicavam somente por rebeldia. Percebendo-se como singular, mesmo sendo plural, Fogo expressa que passou a olhar para sua constituição familiar como uma parte importante da construção de quem ela é, inclusive devido à influência da mãe, que sempre os apoiou e incentivou a buscar suas individualidades e as respostas para os conflitos sobre “quem quero ser x quem devo ser” dentro deles próprios, e não na opinião de outros.

Esses “landmarks” de construção identitária dos quadrigêmeos nos fizeram repensar o arcabouço da pesquisa, e o decorrer da entrevista, culminando no cruzamento entre a decisão de se tatuarem aos 16 anos e a construção de suas identidades, voltou nosso olhar para o corpo e suas marcas.

O corpo, este lugar estranho e potente, ainda sofre um dualismo sob o prisma social, se antes havia o dualismo alma/espírito x corpo, hoje há o dualismo homem x corpo, como se fossem duas entidades separadas (LE BRETON, 2004). O autor supracitado esclarece que desde a Renascença, que seguiu o período medieval, o corpo é uma fronteira. Ele limita e demarca o espaço de um e de outro, separando-os tanto uns dos outros, quanto da natureza – o homem já não é o cosmos, mas vive dentro dele – e de si mesmo – o dualismo citado anteriormente. Assim, o corpo na atualidade é marcado pela separação.

Com o intuito de esclarecer e caracterizar o corpo sobre o qual nos debruçamos nesta discussão, destacam-se as ideias de Le Breton (2004, 2007, 2011), nas quais o corpo é definido como uma instância moldada na relação com a cultura e seus signos, símbolos e significados. Neste sistema o corpo é produto e produtor, mas é, prioritariamente, lugar de mediação entre si e o mundo.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência torna forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (2007, p. 7).

Corroborando com esta visão, Fogo aponta que no início de sua adolescência buscava se dissociar dos seus 3 irmãos, contudo entre os 16 e 17 anos percebeu que esta é uma característica marcante de si, e que é na relação com eles que percebe-se como singular. A partir das leituras de Le Breton é possível afirmarmos que tudo que traz o corpo, a exemplo de roupas, maquiagens, intervenções diversas, assim como os sentidos que são incorporados por estes artifícios, seus silêncios, marcas naturais, impostas, acidentais ou autoimpostas, gestos, enfim, tudo que o corpo carrega indica que não são as semelhanças biológicas que o define, mas sim os significados culturais e sociais a ele atribuídos.

Os quadrigêmeos descrevem suas trajetórias a partir do corpo, e a descoberta de suas identidades individuais foram refletidas nele, seja no modo de vestir, andar, falar, ou simplesmente no estar no mundo; entretanto, também é no corpo que carregam a descoberta e valorização da ressignificação do pertencimento a um grupo muito específico, o de irmãos quadrigêmeos, a que celebraram com uma tatuagem, cada um com um dos elementos da natureza e que gerou a alcunha aqui utilizada.

Com esta ressignificação ocorre o que Terra apelidou de ser único e parte num só tempo, quando o corpo passa a ser, conforme indica Le Breton (2004) o símbolo maior de reivindicação de si mesmo, patrimônio reclamado pelo sujeito e lugar de autonomia, espelho e antagonista de si mesmo, proporcionando o diálogo e manifesto da identidade, num só tempo. Ainda para esse autor, o corpo é plural, refletindo a vontade do indivíduo e sua concepção constante é tanto consciente e proposital como inconsciente e acidental. Sendo, portanto, um artífice do próprio sujeito, uma tela a ser preenchida e nunca acabada, carregando significados para além da estética. O corpo fala e sua fala é palpável na interação com os quadrigêmeos, desde o modo de sentar à entonação da fala, passando pelo silêncio, o corpo grita.

O corpo, portanto, é um cenário cambiante. Carregado por inscrições, intencionalmente expostas ou escondidas; suporte de valores; local gerador e requisitado para a experiência de sensações; condição de possibilidade de expressões, ele é, em sua totalidade, um manifesto plural, fluído, coerente e incoerente, enfim, vivo. Um texto que se escreve por sentidos, expectativas e avaliações individuais e/ou sociais que se faz sobre ele e sobre outros fatos do cotidiano. Dentre um inventário de cores, formas, saberes, sentidos, valores, sensações e sensibilidades, os sujeitos podem equipá-lo para um amplo e diversificado arranjo de si, para, em concordância ou não com seus espaços e tempos de atuação, vivenciá-lo de modo mais eficiente, segundo seus critérios e avaliações (FIRME, 2013, p.87).

Em nosso segundo encontro, Água relatou que “a loucura do 3º ano” cria uma tensão sobre-humana que os fez questionar suas próprias crenças por diversas vezes. Ela destaca que num momento de escolhas e de amadurecimento, onde muitos conflitos são vividos em meio às descobertas da juventude, a sociedade, especialmente o colégio e a família materna, lhes exigia mais certezas que dúvidas, e acrescentou: “é impossível” sendo seguidas por manifestações de apoio dos 3 irmãos.

Em geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens (ERIKSON, 1972). Desenvolver uma identidade madura supõe identificar-se com uma ocupação determinada e com um núcleo de relações interpessoais relativamente estáveis (SCHOEN-FERREIRA, 2003, p.5). A ideia de escolha para a vida, da qual se torna refém e não se pode desvencilhar é o que gera tensões no momento da opção profissional. A profissão, assim como esclarece Bauman sobre o mundo moderno, vai sendo moldada ao longo das experiências de vida, podendo o sujeito iniciar numa carreira e transitar por um sem número de áreas ao longo de sua caminhada. Entretanto, a sociedade ainda tradicionalista e conservadora das gerações anteriores tende a promover o pensamento rígido e até mesmo fatalista sobre o ingresso na universidade como uma prisão identitária.

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p.17).

A partir desta discussão sobre a escolha profissional e a pressão sofrida socialmente para que a faça de maneira “acertada” considerando parâmetros que raramente correspondiam aos dos 4, deu-se início a uma conversa sobre as transições que marcaram o percurso identitário dos irmãos, culminando com a análise e depoimentos sobre as expectativas, tensões e receios com a entrada no mundo universitário.

Um dos irmãos, Terra, escolheu seguir a carreira docente e antes mesmo de ingressar no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, na UFBA, foi questionado e pressionado no sentido de escolher uma carreira mais aprazível social e financeiramente, sendo sugerido a deixar de lado seu desejo profissional para escolher a atividade que exercerá por cerca de 35 anos pautando-se tão somente num prestígio culturalmente estabelecido.

Para os quadrigêmeos, cada etapa de tomada de posse de suas identidades representou uma ruptura, especialmente com vínculos de dependência emocional com a aprovação alheia, Água ressalta que tais vínculos não eram saudáveis e que, o papel de seus pais foi essencial para que ressignificassem os vínculos de maneira mais proveitosa, esta fala foi complementada por Ar ao relatar que em alguns momentos foi saudável romper com vínculos que os mantinha, nas palavras dele, “submissos ao que outra pessoa achava que [eu] tinha que ser”, sua fala foi apoiada veementemente por seus irmãos.

A busca de responder ao questionamento “quem sou eu?” nos acompanha durante todo o ciclo vital, e sua resposta é consequência das nossas relações, bem como de suas condições; assim, a identidade é formada como resposta a cada instante, estando sempre inacabada, nas palavras do autor “identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (Bruner, 1997).

O estudo da identidade está fortemente presente em diversas ciências, tendo abordagens variadas dentro de cada área, por este motivo não há uma definição generalizada adotada por toda comunidade científica sobre o termo. A perspectiva que adotamos neste trabalho considera a identidade como um processo de constante negociação, sendo influenciado e influenciando a cultura, e tendo a subjetividade do sujeito em papel central.

Considerando a identidade como uma narrativa, compartilhamos com a visão de Bruner (2005) de que a identidade é um modo do sujeito se colocar como autor e personagem de sua história, essa sendo construída a partir de discursos que são tanto dele quanto do outro, um refletindo no outro de maneira concomitante. Nesta perspectiva, identidade é o reconhecimento de si mesmo, justamente por isso possuímos diversas identidades em constante negociação e transformação, posicionamentos de si que assumem protagonismo em momentos distintos e que são revistos sempre que uma tensão o questiona, inclusive dando origem a rupturas, movimento que ficou claro na narrativa dos sujeitos desta pesquisa, que relataram transitar entre ideias e autodefinições à medida em que se (re)descobrem de maneira constante e incessante.

É interessante ressaltar que em nenhum momento percebemos angústia na fala dos quadrigêmeos sobre o processo inacabado de sua identidade, ao contrário, reconhece-se um gozo pelo direito exercido de buscar a si mesmo, de se reinventar e

redescobrir sempre que desejoso de fazê-lo, culminando com a ideia de Fogo de que isto a define, a constante busca e mudança.

Na sociedade atual, um aspecto que mais merece destaque é o conceito de identidade cultural do teórico Stuart Hall (2011). Esta ideia discute os aspectos do pertencimento cultural como constituinte da identidade pessoal; vale ainda ressaltar que, na sociedade globalizada, as identidades culturais foram unificadas no movimento de deslocamento e fragmentação das características inerentes às chamadas identidades nacionais.

Essa chamada fragmentação cultural produz identidades mutantes, contraditórias e não resolvidas, sendo também um aspecto chave da proposição do sociólogo Zygmunt Bauman. O autor do conceito de modernidade líquida faz uma crítica ao modo de vida da pós modernidade, enfocando a permanente impermanência característica da sociedade atual; Bauman critica a falta de solidez do estado de bem estar, considerando que a geração atual vive um estado de constante possibilidade onde o tempo e o planejamento não são considerados importantes, e onde o que não está bom deve ser descartado, ao invés de melhorado, assim há a impossibilidade da solidez, gerando um estado líquido de viver, nada permanece (BAUMAN, 2001, 2005).

Em decorrência do estado líquido de viver, a identidade também passa a ser volúvel, inconstante, disforme, enfim, líquida. Bauman diz que “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade” (2005, p.60), ele acrescenta que a identidade se tornou uma experimentação infundável (op.cit.).

Sob a lente da psicologia cultural, Bruner também reflete a identidade relacionando-a com a movimentação social, a tratando como um dos papéis da narrativa de vida do sujeito, portanto um processo de constante construção e modificação. Nesta perspectiva a identidade é construída numa troca ininterrupta com a cultura em que o sujeito está inserido, mesmo porque o autor ressalta que a realidade é um círculo hermenêutico, logo está sujeito a interpretações que partem da cultura pessoal do indivíduo (2001).

A hipótese discutida neste ensaio à luz das narrativas dos quadrigêmeos é que, salvo raríssimos casos, corresponder satisfatoriamente aos posicionamentos da família, sociedade e os anseios internos não é possível, e tornar-se simbolicamente responsável por si mesmo e suas escolhas leva a rupturas com um ou mais desses

grupos, ou ainda com os três em diferentes momentos e/ou sobre diferentes questões da sua própria identidade.

No tempo presente já não cabem afirmações como a de Erikson (1972) de que o sentimento da identidade vem do reconhecimento de sua consistência e constância no espaço-tempo; perceber-se – declarar-se – como ser mutante passa a ser a maior afirmação de domínio sobre a própria identidade. A perspectiva que buscamos elaborar nesta tese considera ser jovem simultaneamente como fenômeno sociocultural, subjetivo e, também, desenvolvimental (que se transforma ao longo do tempo), incluindo tanto as canalizações e discursos sociais, quanto construções e posicionamentos pessoais, numa interface entre a cultura coletiva e a cultura pessoal em seu movimento transformativo, mesmo porque, para a Psicologia Cultural, o indivíduo e a cultura se co-determinam.

As diferentes identidades juvenis se organizam a partir do espaço onde são construídas, passando a ter sentidos próprios, além de ser uma espécie de base da memória e, portanto, da cultura, tanto individual quanto coletiva (LEÃO et al, 2011). Assim, a educação é refletida na identidade do jovem, tendo no tempo presente sua demanda principal caracterizada pela inserção, em uma sociedade que vive profundamente os problemas da exclusão, numa estrutura onde a exclusão é parte da mecânica funcional. As dificuldades e demandas dos jovens revelam, assim, as dificuldades estruturais da sociedade.

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

A juventude corresponde a um período de descobertas dos próprios limites, de curiosidade por experiências novas, de questionamentos dos valores e das normas familiares, de grande adesão aos valores e normas referentes ao grupo de amigos, e de aprendizados, sendo uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da autoafirmação e da independência individual e definição da identidade sexual (SCHENCKER & MINAYO, 2003); esta complexidade de transformações leva a importantes rupturas e transições em busca da construção de uma identidade própria.

A maioria dos estudos neste campo enfatiza aspectos macrossociais e/ou contextuais como sendo determinantes para compreender os processos vivenciados pelos jovens. Fatores como, por exemplo, obtenção do primeiro emprego, formação

de uma família, parentalidade, assim como a organização das instituições do sistema educacional, funcionamento do mercado de trabalho e arranjos familiares presentes em uma determinada sociedade são vistos como condicionantes estruturais do desenvolvimento nessa etapa da vida, determinantes do modo de ser jovem (MATTOS, 2013).

Zittoun (2008) ressalta, entretanto, que os processos de ruptura-transição não estão associados diretamente com períodos específicos da vida, podendo ocorrer em qualquer momento do ciclo vital, desde que alguns elementos catalizadores de mudança estejam presentes no contexto.

I admit that the quality of a change has to be evaluated so as to take in account both the person's well-being (her sense of agency, her emotional state) and her relative adequation to her social environment. I assume that a change that enables further changes is developmental. A change which leads the person to alienation from the social world, or from herself, limits further changes, and thus, will be considered non-developmental. (ZITTOUN, 2013, p.1-2)

Consideramos que próprio conceito de identidade é excessivamente complexo, impossibilitando um consenso sobre o assunto, pois ainda está pouco desenvolvido cientificamente. Bauman (2005), ratifica este pensamento ao afirmar que até os anos 50 o lugar de cada pessoa ao longo da vida era demasiadamente evidente, tanto que a necessidade de avaliação era precária, e a negociação deste quase impensável. Assim, para Bauman, não era necessário o estudo da temática, pois não havia um problema a solucionar.

A ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia (BAUMAN, 2005, p.26).

O sujeito que era visto como unificado tem cedido lugar a novas identidades de um indivíduo moderno fragmentado, consequência de um processo de identificação de identidades culturais provisório, variável e problemático (HALL, 2006). Para Bauman (2005), no mundo líquido-moderno, as identidades “flutuam no ar”, algumas sendo escolhas nossas, outras sendo impostas ou sugeridas por outras pessoas, assim como pela mídia e pelas crenças culturais; o autor alerta que devemos estar em constante alerta para discernir quais são escolhas nossas e quais são incutidas pelo pensamento alheio.

Construída continuamente na relação com os sistemas culturais nos quais vivemos, a identidade é flutuante, ela assume diferentes posicionamentos em diferentes momentos, nem sempre unificadas, nem sempre harmônicas (HALL, 2006). Hall destaca que a contraditoriedade das diversas identidades que nos constituem é um reflexo do constante deslocamento de identificações. Ainda para este autor, a identidade coesa e coerente é uma fantasia à qual não devemos nos apegar.

Em nosso mundo de 'individualização' em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas que oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, os dois coabitam, mesmo que em diferentes níveis de consciência. Num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades representam a ambivalência, por isso, estão firmemente assentadas no centro da atenção dos indivíduos e colocadas no topo de seus debates existenciais (BAUMAN, 2005). Para Hall, a identidade não surge da completude que sentimos, mas sim da falta de uma inteireza que é buscada a partir do nosso exterior, "pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*" (2005, p.39).

Em resumo, eu sei quem quero ser na relação com o que eu não posso e/ou não quero ser visto. Neste âmbito, Schoen-Ferreira (2003) afirma que a construção identitária é influenciada por fatores intrapessoais, tanto quanto por fatores interpessoais e fatores culturais, concluindo que

quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e compreende menos as pessoas como distintas (SCHOEN-FERREIRA, 2003, p.1).

Mas o que é construir a identidade? É alcançar um estágio final? Acabado e permanente? Bauman (2005) sinaliza que o anseio pela identidade vem do desejo de segurança, que é ambíguo por si só. Embora estimulante a curto prazo, carregado de promessas e sonhos com uma experiência não vivenciada; a mesma ideia de jogar-se num abismo de possibilidades sem apoio, nem local definido é uma ideia perturbadora. Assim, torna-se, a longo prazo, uma condição estressante e produtora de ansiedade. Ainda por outro lado, o autor afirma que um posicionamento fixo quando se está imerso numa infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva cativante.

O sujeito moderno afirma para si mesmo que ele é destemido o suficiente para se comprometer com algo indefinidamente, e ousado o suficiente para mudar a ele

mesmo, e às suas escolhas, sempre que lhe parecer necessário e/ou conveniente. No entanto, Bauman (2005) sugere que essa liberdade de escolha e domínio sobre sua própria identidade é limitado pelas imposições sociais.

Pra ele, as guerras pelo reconhecimento, individuais ou coletivas, tem duas instâncias, ainda que num movimento de fluxo que segue o status conquistado ou a hierarquia de poder. Numa primeira instância, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às sobras das identidades antigas, abandonadas e marginalizadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra instância, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por forças sócio culturais, são enfrentadas e, quando se vence a guerra, repelidas (BAUMAN, 2005).

Essas batalhas são travadas internamente de modo ainda mais violento e mutilador configurada entre os ideais e o status. Na sociedade atual, identidades são atribuídas e negadas a todos e a todo momento de acordo, principalmente, com a classe social a que pertencem, sujeito e classe se misturam deixando-o sem rosto.

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado da 'identidade da subclasse' é a ausência de identidade (BAUMAN, 2005, p.45).

A identidade é um experimentação ininterrupta e sem fim, o ponto crucial é definir qual ponto pode ser alcançado com os materiais dos quais dispõe, e quais deles merecem os esforços para tanto. Bauman (2005), acrescenta que fazer da identidade uma tarefa e o objetivo do trabalho de toda uma vida, em comparação com a atribuição a estados da era pré-moderna, foi um ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis. Contudo, essa liberdade nova, sem precedentes, representada pela autoidentificação, que se seguiu à decomposição do sistema de estados, foi acompanhada de uma confiança, igualmente nova e sem precedentes, em si mesmo e nos outros, assim como nos méritos da companhia de outras pessoas, que recebeu o nome de 'sociedade': em sua sabedoria coletiva, na confiabilidade de suas instruções, na durabilidade de suas instituições.

Para ousar e assumir riscos, ter a coragem exigida pelo ato de fazer escolhas, essa tripla confiança (em si mesmo, nos outros, na sociedade) é necessária. É preciso

acreditar que é adequado confiar em escolhas feitas socialmente e que o futuro parece certo; a sociedade é necessária como um árbitro (BAUMAN, 2005). Entretanto, volto a enfatizar que estado completo da identidade está sempre fugindo de nós. Existem sempre significados complementares, e circunstâncias que os trazem sobre as quais não podemos ter controle, que surgirão e reinventarão nosso olhar sobre nós, subvertendo nossas tentativas de criar identidades fixas e estáveis. Ainda bem.

Uma identidade fixa num mundo em constante mudança seria não somente um fardo, mas uma repressão e limitação à adaptação. A identidade deve ser composta como um quebra-cabeça funcional, suas partes se encaixam, mas refletem aspectos diferentes de uma mesma história, e nunca será concluído. Sobre isso Bauman exalta que a identidade se tornou tarefa do indivíduo, e que sua construção assumiu a forma de experimentação infundável (2005). Um ponto de tensão é que não é possível saber se a identidade que carrega no momento presente é a melhor que pode inventar, tampouco se é a que melhor te satisfará. O fato é que o indivíduo se reinventa quando algum traço de sua identidade já não lhe satisfaz, não atende às suas necessidades e anseios, igualmente mutantes.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. In: **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HVIID, Pernille; ZITTOUN, Tania. Editorial introduction: Transitions in the process of education. In: **Journaul of Psychology of Education**, 23, issue 2, p.121-130, 2008.

FIRME, Bernardo Sant'anna Médice. **Do for a à pele**: notas de uma presença estranha em um estúdio de tatuagem. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2002.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol.31, n 84, mai-ago 2011. P. 253-273.

REIS, Rosemeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. In: **Educação e Pesquisa**, vol. 38, n.03, São Paulo, jul/set, 2012. p. 637-652.

SCHOEN-FERREIRA et al. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. In: **Estudos de Psicologia**. vol 8, n1, 2003.

VALSINER, Jaan. Missions in history and history through a mission: Inventing better worlds for humankind. In.: **First Annual Casimir Lecture: Studies in History of Education**. Leiden University, December, 2003.

VALSINER, Jann (Org). **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

6 RABISCOS E RASCUNHOS DE CONSIDERAÇÕES PARA O MOMENTO

Há poucos meses meu namorado me disse durante uma discussão “eu não tive sua educação”; o que ele disse se diminuindo, diminuindo sua história de vida, me levou a reflexões que deram novo fôlego e redesenham o primeiro artigo que compõe essa tese. O que quer dizer educação? Há uma educação melhor que a outra? E por que nos levam a atribuir escalas de valor às nossas histórias? Vivemos numa cultura em que padrões são violentamente impostos e tentar superá-los causa grandes incômodos, especialmente na academia.

Num primeiro momento pode haver estranhamento ao pensar no corpo sob o véu da educação, contudo o objetivo sempre foi repensar a educação e discuti-la com um prisma mais amplo e que explora um campo diferente da sala de aula, onde a vida também acontece e, portanto, há processo educativo sempre ativo. Intencionamos desde a primeira linha deste trabalho colocar uma lupa nas educações fora do padrão dominante, enaltecer sua beleza e importância cultural, aliás, como Brandão (2006, 2017, 1981, entre outros) coloca em diversa de suas obras, educação e cultura são uma só coisa, e de maneira derradeira se aproximam *sobretudo com a política*. Essa pequena – e ainda assim gigante – afirmação encerra grande parte dos nossos questionamentos sobre educação, incluindo as duas últimas das três que iniciam este tópico discursivo.

Encontrar o viés mais adequado para não fazer um trabalho com alinhavos de militância política, dando-lhe ares de autobiografia e desabafo, trouxe desafios que levaram ao grande salto, as marcas corporais. Esta pesquisa, desde a escolha do tema, nos levou à percepção de que não é possível discutir a identidade sem discutir o corpo, o assunto recorrente nas entrevistas tornou explícita a necessidade de se abordar tal temática no âmbito educacional.

Pensando sobre esta questão chegamos à afirmação de Bordieu ressaltando a relevância da prática para compreender o *habitus* de um grupo qualquer (MICELLI, 2003); considerando que somos corpo, se queremos estudar o humano, precisamos vivenciar o corpo, pesquisando-o.

O grupo a que este trabalho se refere e alinhava suas reflexões em seus certames é a juventude, sendo assim não poderíamos pensar a educação sem focar nosso olhar neste grupo tão distinto quanto complexo com mudanças constantes e muitas vezes radicais. Se os jovens pensam e são corpo, como aprimorar a educação sem explorar aquilo que o define com maior potência? Não temos aqui a ambição de

oferecer respostas conclusivas, pois encontramos mais reticências do que pontos finais; oferecemos, contudo, reflexões com o intuito de encorajar mais pesquisas de cientistas da educação sobre as temáticas do corpo.

Voltamos a enfatizar, o corpo fala! É preciso escutá-lo, e esta foi a nossa maior busca em todo o percurso.

“O si mesmo como narrador não apenas relata, mas justifica. E o si mesmo como protagonista está sempre, por assim dizer, apontando para o futuro” (BRUNER, 1997, p.104). Assim, a tatuagem apareceu nesta tese como um bom encontro. Compreendemos seus riscos como marcas da história de vida de quem o carrega e, como relatado em um dos artigos deste trabalho, envolve tanto quem está sendo riscado quanto o artista que cria a marca almejada.

A tatuagem é experimentada pela maioria de seus adeptos como uma maneira de fabricar o sagrado. Hoje sua escolha recorrentemente está desligada dos sistemas culturais, dependendo de uma iniciativa pessoal e acompanhada de uma história que lhe dá significado forte, íntimo e pessoal, mesmo quando feita em grupo, caso da primeira tatuagem dos quadrigêmeos, o significado pessoal difere entre o grupo que a escolheu (LE BRETON, 2004).

Esta arte corporal figura como uma tentativa dos sujeitos de escaparem do anonimato, da invisibilidade inerente à era da superexposição, este conceito encerra em si mesmo um dos grandes paradoxos de nosso tempo. Em suma, procura-se simbolicamente identificar-se com um grupo, manifestar uma identidade pessoal, tornar-se pertencente e único, num só tempo (LE BRETON, 2004; BAUMAN, 2005). Soma-se a esta identificação a questão da memória, ela que é crucial para sabermos o que fomos e o que queremos ser. Temos nosso corpo como a grande testemunha, prova e livro de recordações do que foi, assim como promessa do que virá, a tatuagem só acrescenta memória, cor e autenticidade às recordações também vívidas nas marcas do tempo e da vida.

Para finalizar, por ora, as discussões sobre as narrativas do corpo como registro da(s) educação(ões) e (re)construções da identidade, me junto ao coro iniciado por Darcy Ribeiro.

“Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando e lutando, como um cruzado, pelas causas que me comovem. Elas são muitas, demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária. Na verdade, somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isto não

importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas”.

O desabafo é de Darcy Ribeiro (1995, p. 263), e são palavras não muito diversas das que ouvi junto a Paulo Freire, a Florestan Fernandes e a tantas outras pessoas que, como eu, viveram os “anos sessenta” entre imaginários, trilhas e trabalhos sempre “na fronteira” entre a ciência e a prática política. Uma prática ontem e hoje realizada como educação e através do que imaginamos que era, e que poderia vir a ser, a cultura. (BRANDÃO, 2017, p.405)

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ANDRADE, Maria Odete. **A transição escola-trabalho em Cabo Verde: os sentidos da qualificação profissional para os jovens de baixa renda**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BAUMAN, Zygmund. **The individualized society**. Cambridge: Polity Press, 2001.
- BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. Tese de doutorado, PPGAS, FFLCH, USP, 2006.
- BERGER, Mirela. Tatuagem: a Memória na Pele. In: **SINAIS – Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.05, v.1, Setembro. 2009.
- BIRMAN, Joel. **Tatuando o desamparo – a juventude na atualidade**. Disponível em <<https://chasqueweb.ufrgs.br/~slomp/edu01011/birman-tatuando-o-desamparo.pdf>> Acesso em 02 jul. 2017.
- BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da Comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: MICELI, Sérgio. (org). **A economia das trocas simbólicas**. (5a ed.). São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRANDÃO, Carlos R.; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura: memória dos anos sessenta. In: **Horizontes Antropológicos**. Ano 23, n.49. Porto Alegre, set/dez 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. In: **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BRÁS, Camilo Albuquerque de. Além da pele: Reflexões sobre a extreme body modification em São Paulo. In: **Os Urbanitas**. Revista de Antropologia Urbana, ano 2, vol. 2, n. 3, dezembro de 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRUNER, J; GOODNOW, J.; AUSTIN, G. **A study of thinking**. Nova York: Wiley, 1956.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRUNER, Jerome. **Actual minds, possible words**. Cambridge: Harvard Press, 1986.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. In: **Cadernos Pagu**. n11, 1998.

DAMASCENA, Quécia Silva; MIRANDA, Eduardo; Silva, Maria Cecília de Paula. IDENTIDADE NEGRA E SILENCIAMENTO: O OLHAR PEDAGÓGICO PARA A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03. In: **Revista Teias**. v.19, n53. s/l, abr/jun, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo Editora34, 2017.

DUBET, François. A formação dos indivíduos; a desinstitucionalização. In: **Revista Contemporaneidade e Educação**. Ano 3, v. 3, 1998.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

FERREIRA, Vanessa Alves; MAGALHÃES, Rosana. In: **Ciências & Saúde Coletiva**. vol. 11, n.2. s/l: 2006.

FIRME, Bernardo Sant’anna Médice. **Do for a à pele: notas de uma presença estranha em um estúdio de tatuagem**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: A ESCOLA DO MUNDO AO AVESSO**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.

GIDDENS, A. **The consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **The condition of post-modernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HVIID, Pernille; ZITTOUN, Tania. Editorial introduction: Transitions in the process of education. In: **Journaul of Psychology of Education**, 23, issue 2, p.121-130, 2008.

JARDIM, Alex Fabiano Correia. Michel Foucault e a educação: o investimento político do corpo. In: **Unimontes Científica**. v.8, n2. Montes Claros: jul/dez, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. Campinas: Papirus, 2007.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: UNIFESP, 1995.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e a modernidade**. Petrópolis Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2002.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol.31, n 84, mai-ago 2011. P. 253-273.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado de futuro – mudança social, jovens e tempo. In: **Tempo Social**. Vol. 17, n2, 2005.

LEITÃO, Débora. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. In: **Caderno IHU Ideias**. Ano 2, n16. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. In: **Educação & Realidade**, vol. 25, n2, jul/dez 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos**: declínio do individualismo nas sociedades de massa. RJ: Forense, 2000.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: A noção de pessoa e a noção do eu. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974. Vol. 1.

MICELLI, Sergio. BORDIEU E A RENOVAÇÃO DA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA DA CULTURA. In: **Tempo Social**. São Paulo: USP, abr 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina; AQUINO, Julio Grappa. DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO E CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES: CICLOS DE VIDA, NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E TENSÕES DA CONTEMPORANEIDADE. In: **Pro-Posições**. vol. 17, n.50. s/l: mai/ago 2006. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643631> Acesso em 10 jan 2019.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. In: **Mana**. Vol 12, n1, 2006.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. In: **D.E.L.T.A.**, vol 23, n1, 2007.

PIOVEZANI, Carlos. FOUCAULT COM COURTINE: CORPO E DISCURSO. In: GOMES, Daniel de Oliveira; Souza, Pedro de. (Orgs) **Foucault com outros nomes: lugares de enunciação**. Ponta Grossa: UEPG, 2009.

PRATTA, E.M.M.; SANTOS, M.A. Adolescência: relacionamento familiar e futuro. In: **Paideia**, vol 17, n36, 2007. p. 103 – 114

REIS, Rosemeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. In: **Educação e Pesquisa**, vol. 38, n.03, São Paulo, jul/set, 2012. p. 637-652.

RUPP, Jan. MICHEL FOUCAULT, A POLÍTICA DO CORPO E A EXPANSÃO DA ANATOMIA MODERNA. In: **Physis – Revista de saúde coletiva**. vol.3, n.2. 1993. Disponível em https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physis/v3n2/01.pdf Acesso em 10 jan 2019.

SCHENKER, M.; MINAYO, M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. In: **Ciência e saúde coletiva**. Vol 10, n3, 2005. p. 707 – 717.

SCHOEN-FERREIRA et al. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. In: **Estudos de Psicologia**. vol 8, n1, 2003.

SCHWERTNER, Suzana F. e FISCHER, Rosa Maria B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte. Vol.28, n1, Mar. 2012.

SPOSITO, M.P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

VALSINER, Jaan. **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

VALSINER, Jaan. Missions in history and history through a mission: Inventing better worlds for humankind. In.: **First Annual Casimir Lecture: Studies in History of Education**. Leiden University, December, 2003.

VALSINER, Jann (Org). **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

VALSINER, Jann (Org). **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

VALSINER, Jann (Org). **Culture in Minds and Societies**. Foundations of Cultural Psychology. LA/New Delhi: Sage, 2007.

VALSINER, Jann (Org). **Oxford Handbook of Culture and Psychology**, New York: Oxford University Press, 2012.

VASCONCELOS, E. M. (Org.) **Abordagens psicossociais II: reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares**. São Paulo: Hucitec, 2008.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o Habitus. In: **Educação & Linguagem**. Ano 10, n. 16, jul/dez 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. In: **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.